

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



MARIA DA GRAÇA
nova esperança do Cinema
Português, vai ser revelada
em «Pôrto de Abrigo», da
Lisboa-Filme

SONORO FILME apresenta A MAIOR ATRACÇÃO UNIVERSAL DOS ÚLTIMOS TEMPOS

MARAVILHA
COLORIDA DE
ALEXANDER KORDA

com
SABU
CONRADT VEIDT
•
JUNE DUPREZ



O LADRAO DE BAGDAD

(THE THIEF OF BAGDAD)

UNITED
ARTISTS



UM SONHO
DAS MIL E UMA
NOITES





UM CONJUNTO

que só o Cinema tornou possível

Escolhemos esta fotografia para o frontespício do nosso Número de Natal, porque reúne todos os requisitos de beleza, de gosto, de equilíbrio, de elegância e de graça que o Cinema difunde a jorros pelo mundo. O modelo é Norma Shearer.



PAULETTE GODDARD

"A POMPADOUR,,

TEM UMA CINTA
PARA CADA "ESTRÊLA,,

O Cinema dá muitas lições, sob muitos aspectos. Nisto, por exemplo: em provar que há um lugar próprio para cada coisa e que cada coisa tem o seu lugar próprio. Porque se diz isto? Porque os produtores do Cinema provam que sabem escolher tudo da maneira mais adequada e não dão, por exemplo, um papel de ingénua a Marlene, nem encarregam a Deanna Durbin de interpretar uma aventureira.

Ora, tal como no Cinema, os técnicos da «Pompadour» entenderam, desde longa data, que cada caso tem a sua solução adequada e que, portanto, deviam estudar uma cinta especial para cada tipo de mulher. E mais ainda — que uma cinta, obra delicada, que consigne harmonia, elemento indispensável à beleza do corpo feminino, não se poderia fabricar em série.

A perfeição a que os técnicos da organização «Pompadour» chegaram neste capítulo é tal que, sendo hoje Hollywood centro de todas as modas, capital da beleza

MIRNA LOY



do mundo, onde se cruzam todos os tipos de mulher, era possível fornecer, para cada vedeta, a criação própria, a cinta conveniente às linhas de cada uma. E isto é possível e todas as encomendas podiam ser imediatamente satisfeitas porque a «Pompadour» estuda uma cinta para cada cliente e, assim, na sua longa experiência, teve oportunidade de criar cintas para todos os tipos de mulher.

Dêste modo, desde a cinta inteira com «soutiens-gorge» pegado, completa ou parcialmente fechada; da cinta forte em malha «Lastex», sem costura, ou em renda; da cinta ligeira, que foi trabalhada no mais ligeiro tule, à cinta reforçada, — as Marlenes, as Garbos, as Gingers, as Rosalind Russells, tinham tudo por onde escolher, para que as suas «toilettes» pudessem brilhar, e apresentar todo o valor da sua beleza.

Isto demonstra que esta organização portuguesa está absolutamente a par de tudo que se passa em matéria de elegância, razão porque pode satisfazer e solucionar todos os casos — como, aliás, prova o testemunho das numerosas senhoras da sua clientela.

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

23 de Dezembro de 1940

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano 78500
Semestre 39500
Trimestre 19550

Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7567) — Lisboa.

NÚMERO ESPECIAL — NATAL DE 1940

Os primeiros 100 NOMES do «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO»

É com orgulho e desvanecimento que tornamos pública a lista dos cem primeiros inscritos no «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO», onde pretendemos reunir todos os cinéfilos da «Velha Guarda» que não têm medo de «dar a cara» para defender a arte dos seus amores. Como anunciamos, é, quanto a nós, emocionante a diversidade de profissões que se interessam pelo Cinema, e que o «Clube» reúne na mesma aspiração:

vér colocado no seu devido lugar o Espectáculo Cinematográfico. Pedimos aos que não nos indicaram a profissão o obséquio de o fazerem prontamente. Não podemos aceitar a inscrição de profissionais de cinema. Brevemente publicaremos nova lista, de 101 a 200, pois a inscrição já excede largamente esse número.

E verão que o «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO» vai dar que falar.

1 — Alberto Leite — Comerciante	Lisboa
2 — Tito Livio — Cantor	>
3 — Dr. João Boto de Carvalho — Advogado	>
4 — Dr. Fernando de Barros — Advogado	>
5 — Armando da Silva Brandão — F. público	>
6 — Evandro Barros da Lúz — Emp. escrit.	>
7 — Manuela Noronha — Estudante univ.	>
8 — António Lopes Fernandes — Estudante	Gaia
9 — José da Silva Pais — Comerciante	Lisboa
10 — José A. S. Campos — Estudante	>
11 — Araújo Pereira — Barman	Estoril
12 — Júlio Farinha Maurício — Barman	>
13 — Jorge Travassos — Fiscal de casino	>
14 — Renato Covas — Emp. escritório	Barreiro
15 — Augusto Romariz — Estudante	Pôrto
16 — Mário Pedro Lopes — Emp. forense	Lisboa
17 — Eugénio Duarte Viana — Estudante	Coimbra
18 — Azinhal Abelho — Escritor	Lisboa
19 — Júlio Goes — Industrial	Vila Franca
20 — Garibaldi de Sousa Santos — Enferm.	Lisboa
21 — J. Santos Stockler — Jornalista	Faro
22 — Eduardo Soares — Jornalista desportivo	Pôrto
23 — Francisco Ventura — Estudante	Odivelas
24 — Artur Virtuoso — Operador dos C. T.	Lisboa
25 — Maria Isabel Cardoso — Doméstica	Cascais
26 — Herminio A. Manecas — Emp. escritório	Évora
27 — Manuel Monteiro Salsinha	>
28 — Carlos Dubini — Empres. de variedades	Lisboa
29 — Pedro Ramalho Molefas — F. público	Redondo
30 — Cassiano Rodrigues Freitas — E. mesa	Estoril
31 — Renato Travassos — Emp. mesa	>
32 — Luiz Valdivia — Empregado mesa	>
33 — Maria Gil	>
34 — Laurentino dos Santos	Cascais
35 — Dr. H. Lopes Madureira — Advogado	Lisboa
36 — Dr.ª Alice de Magalhães — Prof. de liceu	Parede
37 — Mário Augusto Rocha — Estudante	Lisboa
38 — Dr. Angelo Maia Mendes — Médico	Ermezinde
39 — José Magalhães Castela — Emp. com.	Lisboa
40 — Maria dos Milagres — Desenhadora	>
41 — Manuel de Sousa Ribeiro	>
42 — Carlos Alvaro de Sousa	>
43 — Mário Américo da Silva — Serralheiro	>
44 — Artur Correia da Silva	>
45 — Delfim Martins — Emp. comércio	>
46 — Alzer Barreto	>
47 — Mário Duarte Silva — Estudante	>
48 — Luciano Quinta Fernandes — Estud.	>
49 — António Ruivo Mousinho — Estudante	>
50 — Luiz Gomes Soares — Telefonista	>
51 — Alice Boavida — Locutora	Lisboa
52 — Ilda Camêlo	>
53 — Maria Amélia Patrício — Costureira	Amadora
54 — Alberto José Granja — Alfaiate	Lisboa
55 — Deodato de Brito Camacho — E. com.	>
56 — Marcos Santos Sérgio — Barbeiro	S. João Estoril
57 — Edia Sarracayo	Lisboa
58 — Dr. J. da Silva Júnior — Lic. C. Ec. Fin.	>
59 — António da Costa Franco	>
60 — Carlos Santos Ribeiro — Estudante	>
61 — Mário da Silva Correia — Emp. escrit.	>
62 — Eduardo Leiria Dias — Func. público	>
63 — Carlos Fonseca Praça	Pôrto
64 — Dr. Marinho da Silva — Jornalista	Lisboa
65 — Maria Angélica Holbeche — Doméstica	>
66 — Maria da Conceição Virtuoso — Dom.	>
67 — José Maria Seguro — Estudante	>
68 — Fernando Rebêlo — Est. direito	>
69 — João Martins Araujo — Proprietário	Vl. do Castelo
70 — António M. Guimarães	Alhandra
71 — Eutrópio da Prata Silveira — Estudante	Lisboa
72 — Armando Lopes Abreu — Estudante	>
73 — Mário Menezes Santos — Estudante	>
74 — Laureano Prieto Rodrigues — E. com.	>
75 — António Martins — Emp. escritório	>
76 — M. Pombal da Silva — E. de industria	>
77 — José Dias das Neves — Emp. escritório	>
78 — Maria do Carmo Miranda — Estudante	>
78 — Dr. António Menezes — Médico	>
80 — N. F. Melchades — Emp. comércio	>
81 — Helder Vasconcelos — Estudante	>
82 — Anibal Anjos — Emp. escritório	>
83 — Arménio Duarte Silva — Estudante	>
84 — Helena de Almeida	>
85 — Tomás Mistral Silva	Elvas
86 — José Silva Feigé	Lisboa
87 — Valentino Campos	Pôrto
88 — Dr. Guy de Pina — Médico	>
89 — Armando José da Silva	Lisboa
90 — José Fernandes Alves — Emp. Seguros	Lisboa
91 — Francisco A. T. L. Silveira — Asp. oficial	Lisboa
92 — Joaquim Bento de Almeida — Estud.	>
93 — Agostinho de Castro — Aj. guarda livros	>
94 — José Leal Martinho	Coimbra
95 — António Marinho — Emp. comércio	Fafe
96 — Dr. Paulo P. de Carvalho — Eng. geóg.	Pôrto
97 — Mário Delgado — Estudante	Coimbra
98 — António dos Santos Nunes — Emp. com.	Lisboa
99 — Luiz Leonardo dos Santos — E. escrit.	Peniche
100 — Belkisse Ponsão Lopes — Doméstica	Olhão

MANIFESTO

à cinematografia espanhola

(Continuação do número anterior)

Todas as outras artes podem permitir-se, nas suas torres isoladas, criar a sua obra, ali onde não chegam as vozes da rua; mas o Cinema é um constante convite à vida que reclama em cada um dos seus gestos, e era injusto pedir-lhe que nos representasse um mundo diferente do que via à sua volta. Os vícios e as virtudes que encontramos no cinema americano são vícios e virtudes da América; o encanto e o perigo que nos trouxe o cinema francês era o encanto e o perigo de toda a vida de França. Nenhuma Cinematografia com carácter nacional é alheia à vida da sua nação, se é que não é a sua imagem, inclusivamente quando trata temas universais ou estrangeiros. E não é por um atalho de impura economia que o nosso Cinema foi parar a tipismo andaluz ou intentou refugiar-se à sombra de dramas rurais, mas sim pela razão suprema de que toda a vida espanhola era comédia andaluza, quando não era sombrio drama rural.

Bem sei que há, entre tantas coisas a melhorar no nosso cinema, aspectos que, na aparência, podem ser superadas sem outro requisito que a simples vontade de superá-los; mas verem-se adiante que estas perfeições, para serem eficazes, não podem ser isoladas, mas sim consequência da ordem total, seu efeito, e não sua causa. Não trato de desculpar a obra mal feita, nem me situo dentro do conformismo, posição que sempre considerarei de pouca galhardia; mas é legítimo dar a cada coisa, e também à diátribe, a sua justa proporção.

Hoje, acessados pela pressa que em cada tarde nos impõe a concorrência estrangeira, alguns homens fustigam com a sua crítica o nosso Cinema, pedindo-lhe que traga larguezas de tom universal. Esquecem-se de que não pode improvisar-se uma cultura cinematográfica colectiva. E seria tão torpe não iniciar no Cinema a renovação que toda a vida espanhola vai iniciando, como pensar que já é tempo de ver concluída uma obra que se intenta, precisamente agora, estabelecer. Não me conformo com o aspecto que tem o nosso Cinema, mas tam pouco posso aceitar a crítica sistemática que foi sempre ofício das naturezas azedas. Pedimos à Cinematografia, como a toda a obra nacional, um tom que nos garantisse a digna presença nesse mundo que só historicamente ganhámos; mas tal exigência não fazer-se ao Cinema com maior intimação que a qualquer outra das manifestações nacionais, posto que o Cinema precisa de recorrer a elas. A Cinematografia não recusa o seu lugar na primeira linha de tal inovação, mas todo o esforço seria vão se o Cinema não se visse acompanhado pela totalidade de uma nova ordem de coisas. Já que tal ordem se inicia e a humanidade espanhola, a que o Cinema require para poder viver em cada imagem, se põe de bem com Deus, é chegado o momento de ter fé em que a Cinematografia espanhola vai superar-se. Só assim. Pois que o Cinema que deve flutuar sobre a vida do seu povo, como sintoma e nível da sua natureza, não pode nunca sustentarse no ar sem tocar nessa vida humana de que se nutre.

Vamos conseguir a nossa consciência cinematográfica; vamos pôr-nos em ordem e ocupar finalmente o nosso lugar, vago desde há tantos anos.

¿Porque não o ocupamos ainda? Intentemos fazer uma análise das causas, não para nos confratermos com as culpas alheias, mas sim para encontrarmos o nosso caminho. Em três culpas fundamentais agrupamos o nosso exame de consciência: Culpabilidade da empresa privada, culpabilidade oficial e um terceiro grupo de culpas naturais correspondente ao próprio temperamento espanhol em relação com a índole do Cinema. Vejamos até onde nos conduz a análise de cada uma delas.

III

A CULPA PRIVADA — Durante muitos anos, a Cinematografia espanhola esteve dependente da colheita da laranja. Um bom ano de laranja ou de azeitona, era, em geral, um bom ano de cinema. E isto prolongou-se durante tempo demais.

Amparadas por uma tertúlia de café, em cada temporada se formavam empresas produtoras duma determinada película que o próprio realizador se apossava em oferecer como um negócio rápido.

Pensar que a Cinematografia seja um negócio, parece-nos absolutamente legítimo; pretender que seja um negócio rápido, parece-nos absolutamente pernicioso. Daqui resultam, provavelmente, todos os nossos males. Reúna-se à pressa o dinheiro à justa; à pressa se contratavam os actores e à pressa se começava a filmar. Urgia dar ao público, interessado neste

amanhecer do prodígio, uns rolos de película que ele digeriria invariavelmente. Mas, depois de cada um desses intentos, não existia nunca continuidade; ao esforço faltava o sistema; um filme era um alarde isolado, uma aventura esporádica, um rasgo pessoal que não aproveitava nunca as experiências anteriores nem fundamentava no tempo as suas esperanças de superação. Essa paisagem pitoresca da Cinematografia espanhola podia ter, então, o encanto do improvável, que sempre tanto nos agradou. Mas por esse mundo além aconteciam outras coisas. Enquanto num café da «Calle de Sevilla» o grupo de «colonizadores» cinematográficos rodeava cerimoniosamente o capital, tratando de obter, na euforia do charuto e do copinho de aniz, as 50.000 pesetas necessárias para se começar a filmar um argumento de zarzuela, todas as organizações bancárias do mundo estudavam em seus escritórios confortáveis os fundamentos dum sistema económico que lhes permitisse acometer com solidez a nova indústria cinematográfica. E' essa a chave fundamental do nosso atraso: a incompreensão do capital por este jogo fabuloso, a falta de visão do seu alcance económico, que nos fez andar durante vinte anos pelos cafés, ao sabor das chuvas, em busca do momento de euforia que nos permitisse vender o porco e o chouriço...

Até que veio o ano de 1930, em que alguns capitais — inteligentes, embora não fossem proféticos — se constituem como empresas sólidas, com perspectiva de anos e programas de produção e sistemas e contratos e equipas. Só então se forma a consciência cinematográfica espanhola, um primeiro sentido da responsabilidade. Pela primeira vez a produção sente a responsabilidade, o encargo de consciência que os nomes acarretam. E este passo no sentido da ordem já nos indica o caminho a seguir, até chegar às únicas venturas verdadeiras e aos únicos perigos fundamentais.

E' hoje costume assacar demasiadas culpas à empresa produtora. Nós só lhe imputamos uma, que talvez seja a comporta principal do nosso estancamento. A culpa, quanto a nós, reside na falta dum sistema, em não enfrentar valentemente a sua missão, como Deus manda. Cada filme espanhol é ainda campo aberto ao improvável. E de nada valem os triunfos nem nada significam os fracassos se não puderem pôr em movimento um sistema, pela razão de que tal sistema não existe. Quando se dêem a conhecer ao mundo os pormenores da filmagem dum filme em Espanha, todos ficarão assombrados ao ver quantas angústias e conseiras, que imprevistos, que precipitações tem de arrostar ainda a nossa produção até chegar à tela; que mundo desarticulado de coisas há por detrás desses rostos que estentam, inutilmente, sorrir.

Bem sei que a nossa natureza é desmedida e que, por estas terras, tudo é propício à dispersão. Mas, sob esse signo, nunca mais teremos cinematografia. Ela contém uma porção de arte a que os espanhóis poderão dar muita glória; mas esquecemo-nos da sua porção de ofício, o mais rigoroso dos ofícios, por onde inferem logo as artes que lhe dão substância. E é aqui, precisamente, onde notamos o nosso atraso. Porque «A Divina Comédia», nem «D. Quixote», não têm idade; mas, em compensação, tem-na os sistemas, essa vida inexorável a que se chamou corpo administrativo e que ascende por quinquênios. Hoje, sabemos que não é possível improvisar uma indústria. Por desconhecer esta verdade, o nosso cinema não é ainda um facto consumado, ao cabo de quarenta e cinco anos de cinema; por ainda não ter montados os seus sistemas, que não podem ludibriar-se com a pancadinha carinhosa que nos dá nas costas a simpatia espanhola.

Vamos a estabelecer a produção com atitudes permanentes. Não passemos a vida a lutar para viver, sem margem para criar nem recrear alguma coisa. Todos os outros vícios que podem imputar-se à nossa indústria privada, têm nisso a sua origem. Porque esses críticos que se comprazem em registrar cada fracasso, não reparam que o fracasso é efeito duma causa mais funda, que urge remediar: a falta de sistema, que ainda entorpece a produção e faz com que a camara tropece nos «travellings» e faz recorrer ao tópico do «pele seguro» e assumo o suor à testa dos nossos realizadores e voltarem-se para o teatro para que nos convertamos, um dia, em estátuas de sal.

(Continua)

M. A. GARCIA VIÑOLAS
Chefe do Departamento Nacional
de Cinematografia

PANORÁMICA

«Animatógrafo» e a imprensa

A aparição de «Animatógrafo» mereceu dos nossos camaradas da Imprensa de todo o País um acclimato que nos desvaneece. A maioria não se limitou a saudar com quatro linhas secas — embora cordeais, como é da praxe — mais um semanário cinematográfico, que é aliás o único que tem a coragem de aparecer regularmente nestes tempos tão escassos de papel e tinta de imprimir. Antes o fizeram com palavras de grande gentileza, não só para quem o dirige e para quem nele colabora, mas também para o fim que se propõe e para a forma como se apresenta.

A todos queremos agradecer, e garantir que temos, as suas saudações como prémio excelente e estímulo eficaz.

Pedimos licença para distinguir as duas publicações da «Renascença Gráfica», a que nos ligam tão fortes vínculos profissionais, pois nessa casa encetámos a marcha que nos trouxe até onde chegámos. «Diário de Lisboa» e «Sempre Fixe» distinguiram «Animatógrafo» com um tratamento de excepção: o primeiro, comentando na sua primeira página as nossas iniciativas, o segundo, dedicando ao nosso jornal, e em particular ao correio de Bel-Tenebroso, um espirososíssimo artigo humorístico intitulado «O Rei da Mala Postas».

«Primer Plano» e Portugal

A magnífica revista cinematográfica espanhola «Primer Plano», que García Viñolas dirige com notabilíssimo sentido cinematográfico e com admirável unidade, nomeou seu correspondente efectivo em Portugal o nosso camarada e colaborador Fernando Fragoso.

A ambos queremos aqui felicitar: ao director de «Primer Plano» pelo acerto justíssimo da escolha; ao antigo director de «Cine-Jornais» pela honra de ver os seus artigos impressos numa publicação de tão alto nível mental. Aliás, o primeiro artigo de Fragoso — uma entrevista com Jean Renoir, em que se esboça o que veio a ser depois o projecto da União do Cinema Latino — é digno da revista e do autor.

Mais estreita se torna assim a colaboração entre Portugal e Espanha, no campo cinematográfico. E não é difícil prever as boas consequências que dessa colaboração podem resultar, se as afinidades que hoje se patenteliam forem aproveitadas convenientemente.

Jean Renoir

Partiu na sexta-feira passada, para a América do Norte, o realizador francês Jean Renoir, de cuja estadia entre nós «Animatógrafo» se occupou com o desenvolvimento que merece tão representativa figura do cinema contemporâneo.

A despedida, affectuosa e saudável, vincou bem os laços de indestrutível amizade que hoje ligam a Portugal o mestre francês. Ele próprio nos pediu, à hora da largada, que transmittissemos a todos os portugueses, e em particular aos profissionais de cinema, a sua gratidão por todas as provas de carinho de que foi alvo, e que o tocaram profundamente.

Renoir não se limitou porém a acolher as homenagens de que foi alvo; procurou conhecer a fundo o cinema português. Pode dizer-se que nenhum filme lhe escapou, pois todos quiz ver, e para todos teve palavras que denotam a forma como procurou compreender-nos, sinceramente, não poupando os elogios que lhe pareceram justos, nem os reparos que lhe pareceram úteis.

Da passagem de Renoir em Lisboa alguma coisa fica mais que uma recordação: ficam os fundamentos duma estima recíproca e profícua.

Programas em branco

Já repararam que a grande maioria dos programas que servem de pretexto à gratificação que é hábito — e justiça — dar a porteiros

As broas do «Animatógrafo»

Embora sempre nos dissessem que elogio em hõca própria é vitupério (os portugueses são o povo mais «proverbial» do mundo!), permitimo-nos aproveitar o ensejo festivo do Natal para, em família, nós mais os nossos leitores, darmos balanço a estes sete números publicados, para fazer aquilo a que os marinheiros chamam «o ponto» e os administradores «deitar contas à vida».

Vem tudo isto directamente da nossa boa disposição pelo facto de termos conseguido «deitar cá para fora» — nós que não somos poderosos, nem aspiramos a outro poder que não seja o de levar o cinema em Portugal pelo melhor caminho (o que já não é, aqui para nós, pequenina ambição...) — um número de Natal com o melhor de trinta e tantas páginas, exclusivamente dedicadas a assuntos cinematográficos.

Deve-se tal possibilidade a um conjunto de factores que nos parecem bastante elucidativo quanto à capacidade do nosso meio em relação ao cinema, capacidade enorme, mas perfeitamente inexplorada, quando não retraída, pela pusillanidade de alguns (alguns, mas muitos...) portugueses de hoje, que passam a vida a procurar desmentir, com o seu triste exemplo, a maravilhosa história de aventuras que é a história da nossa gente.

A pequenina história do «Animatógrafo» já tem bastante que contar, como a da Nau Catrineta. Primeiro a ideia do Clube, cujo êxito imediato já hoje assinalamos com provas irrefutáveis. Depois, a homenagem a Renoir, no São Luiz, vitória indiscutível. Outro êxito: o inquérito de «Mulheres», pelo escol de repostas que conseguimos reunir. E outro ainda: o apelo aos novos, que acorreram com artigos do maior interesse, como os que temos publicado na página especial que lhes dedicamos. E há mais: o concurso de «Mister Smith», prova cabal de que os portugueses não carecem de imaginação — e de que apreciam devidamente o valor de quinhentos escudos em dinheiro...

Agora — o Número de Natal. Todos os dias, o correio nos traz a prova mais provada de que não estamos sós, de que há compatriotas nossos por quem e para quem vale a pena «fazer coisas», conjurar dificuldades e fazer sacrifícios. Garanto que isso é bem consolador!

São essas, aliás, as melhores «broas» que poderia desejar «Animatógrafo», importando não esquecer a compreensão com que o nosso jornal foi acolhido no meio profissional do cinema, não só em Portugal, mas no estrangeiro. Mas temos mais alguma coisa a pedir, como é de uso nesta quadra, embora sob a forma discreta dum cartão de visita impresso proposadamente:

«Animatógrafo», jornal cinematográfico desta área, deseja Boas-Festas a V. Ex.^ª e a sua Ex.^{ma} Família.

Temos a pedir-lhes que não emprestem nem peçam emprestados os números do «Animatógrafo»; que não os leiam nos balcões das tabacarias; que não contribuam para o «borlismo» que tanto tem prejudicado e continua prejudicando a vida portuguesa. Os que puderem assiná-lo, reparem que nisso só terão vantagens — dando-nos vantagens a nós.

Uma assinatura — eis o melhor presente de Natal que poderão depôr no nosso sapatinho, as melhores broas do «Animatógrafo» que, modéstia à parte, não as ganhou nada mal.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

e arrumadores vêm praticamente em branco? Tudo o que lá se imprime — ordem do espectáculo, título português das fitas, nomes dos artistas principais (quantas vezes com a grafia estropeada — é conversa fiada, inútil, que nada adianta ao espectador, e nadinha aos cinéfilos. Ora espectadores e cinéfilos (partindo do princípio, errado embora, de que existem essas duas espécies bem distintas) têm o direito de exigir um pouco mais de consideração, traduzida em mais completas e exactas informações.

Será excessivo pedir áqueles senhores que vivem do espectáculo cinematográfico que imprimam nos seus programas tudo aquilo que é susceptível de interessar, ainda que a uma minoria de curiosos? Escrever num programa o título original dos filmes exibidos, dar a sua distribuição técnica e artística completa, tal como vem nas legendas de entrada e nos impressos fornecidos pelos distribuidores, é obrigação elementar dos exhibidores de filmes. Pois só alguns, raríssimos, o fazem. Os outros — acham que não vale a pena, porque o espectador não quer saber. E' falso. E' falso e é estúpido. Porque isso contribui, mais do que eles imaginam, para o desprendimento do público,

germe de todos os fracassos merecidos e de todos os êxitos incompletos.

Que é feito de Fred Niblo?

Há dias alguém nos fez, à queima-roupa, esta pergunta aparentemente simples:

— Que é feito de Fred Niblo?

Olhamos uns para os outros. Nenhum de nós sabia — e, modéstia à parte, não nos julgamos dos piores informadores. Mas sabíamos quem era Fred Niblo. E reparamos que Fred Niblo foi um dos mais afamados (justamente afamados) realizadores cinematográficos. E verificamos que já ninguém fala dele, nem sequer sabe dele...

No entanto, Fred Niblo foi o realizador de «Sinal do Zorro»; e foi o realizador de «Ben-Hur».

Que é feito dele? Porque se sumiu da publicidade cinematográfica?...

Temo-nos na conta de bem informados. Por isso a pergunta nos parece mais angustiosa.

Que é feito de Fred Niblo?...

Nesta simples interrogação se resume toda a trágica voracidade do cinema. E julgamo-la suficiente para justificar o nosso papel de...

O CINEMA e a MÚSICA

Pelo Dr. RODRIGUES CAVALHEIRO

Foi em Paris, há dez anos, numa simpática instituição, *Les Amis de la France*, instalada modestamente num andar da Rua de Rennes, não muito longe do cosmopolitismo boémio de Montparnasse, que pela primeira vez assisti à exibição de alguns filmes que representavam uma curiosa tentativa de vanguardismo cinematográfico, e que tinha, então, por arauto a persistência e a sinceridade de Madame Germaine Dulac. O ambiente era quasi familiar, pois ali se reunia, todas as sextas-feiras, um núcleo muito agradável de alunos e alunas da Sorbonne e de outras escolas superiores da grande capital. Franceses, poucos; predominavam alemães, ingleses, americanos, canadianos, russos brancos e vermelhos, romenos e alguns chineses e japoneses. Era eu o único português e não lobriguei nunca nem espanhóis nem sul-americanos.

A bonomia inteligente de Henry Soulié, que presidia a esta tertúlia universitária e era ao tempo deputado da Direita, convertera aquelas salinhas despretenciosas num centro de cultura e arte, onde semanalmente se ouvia boa música e se escutavam sempre com proveito algumas palestras de actualidade. Não esquecerei a lógica bem apetrechada de René Gilleul defendendo os fundamentos do novo Humanismo, nem o ardor combativo de Philippe Barrés evocando algumas recordações pessoais da outra Grande Guerra. Tampouco se me desvanecerá da memória o áspero duelo de palavras que marcava, por vezes, nitidamente, que entre Moscovo e o resto da Europa havia ainda um abismo difícil de transpor. Os soviets tinham ali, na pacata instituição da Rua de Rennes, um defensor veemente e esclarecido. Estou ainda a vê-lo: — vinte anos entusiastas, baixo, trigueiro, olhar vivo e penetrante, — dir-se-ia, no tipo físico, um portuguêsinho palrador e apaixonado. Eó de quando em quando, em certa expressão, indefinida através das lentes, se adivinhava o perturbador mistério da estepa.

Madame Germaine Dulac apresentou-nos, em mais duma sessão, alguns pequenos filmes duma arte requintada. Tratava-se da transposição visual de poemas musicais dos grandes mestres. E assim, lembro-me perfeitamente de ter visto um *Nocturno* de Chopin, os *Jardins sous la pluie* de Debussy e um poema delucidíssimo de Ravel. Imagens sucessivas e harmoniosas como que brotavam espontaneamente dos ritmos sonoros que nos envolviam, — e eram, agora, paisagens luarentas, parques perfumados, depois, em seguida alamedas outonais, por fim, lagos mortos, repuxos melancólicos, — ou, num capricho mais cerrado ainda, simples esboços nevoados, ao sabor da imaginação e da melodia. Outras vezes, para certas expressões mais geométricas do som, cristalizavam-se na tela arabescos fantásticos, que, de momento a momento, nos apresentavam uma variação incessante de motivos visuais. Era, em suma, a *música do cinema*, — uma fusão felicíssima do ouvido e dos olhos, tentativa a mais para aquele *cinema absoluto* que nos revelará, um dia, um génio superior.

Esta ligeira página de recordações traz-me aos bicos da pena algumas frases duma entrevista dada, há anos, por Pirandello a um semanário parisiense. Dizia o grande dramaturgo: — «O cinema, geralmente, não é mais do que uma má cópia do teatro. Era preciso fazer outra coisa. Poder-se-iam conseguir prodígios, se se tomasse em linha de conta que o cinema é uma arte que, como de resto todas as artes, tem possibilidades próprias. Mas quasi nunca vi um filme que me satisfizesse.»

E Pirandello explicava depois o que entendia por arte cinematográfica: — «Creio que o elemento próprio do cinema é a música — e não a literatura, que o cinema banaliza. O grande erro tem sido o de apresentar tão frequentemente na tela obras literárias adaptadas. O cinema, acima de tudo, deve sugerir. Eis porque o vejo tão próximo da música.» Detalhando melhor o seu pensamento, Pirandello acrescentava: — «Se encontrasse um realizador que compreendesse esta ideia, desejaria transpor para o ecrã as sinfonias de Beethoven: — a *Heroica*, a *Pastoral*, todas as outras. Isso nada teria de forçado, eu fá-lo-ia naturalmente, pois, sem querer, quando ouço música, sou assaltado por visões. E assim, se tocam a *Heroica*, vejo logo desfilar tropas em marcha.» E o grande dramaturgo rematava desta forma as suas curiosíssimas considerações sobre o assunto: — «Eis por que me parece que o cinema poderia ser a linguagem visual da música. Sem contar que o filme se tornaria então universal, como no tempo do cinema silencioso.»

Assim falou Pirandello. E que as suas ideias eram alguma coisa mais do que uma simples fantasia de poeta, provou-o, depois, a exibição, em Paris, dum filme de Alexeieff e Claire Parker, inspirado no bellissimo poema de Mussorgsky *Uma noite sobre o Monte Calvo*. Um crítico de responsabilidade não hesitou em escrever, então, estas linhas: — «Os autores substituíram a técnica do desenho animado pela água-tinta, cujas preciosas gradações cinzentas dão a cada uma das fases do seu pesadêlo uma estranha profundidade de colorido. O assunto que escolheram, um *sabbat* no famoso monte vizinho de Kiev, não é senão um cómodo pódo de partida poética: sem outro princípio mais que a docilidade à música, vão surgindo visões estranhas, untuosas, em que a massa gris se estende, se amalgama e reabsorve e finalmente faz bro-

SE O CINEMA NÃO FÔSSE POESIA...

por ALVES DE AZEVEDO

Agora que a Humanidade vive um pesadêlo macabro sem desparar possível, devemos, como Sócrates nas vésperas da sua execução, pagar também o nosso galo a Apolo; prestar homenagem à sétima arte é hoje com efeito a única forma de defendermos o que nos resta do património espiritual de todas as outras.

Se o cinema não fôsse de facto «Poesia» — mãe de todas as artes — e também o sonho da vida que desejaríamos levar, como saberíamos encarar o terrível dilema que a civilização contemporânea põe a todo o homem que não é uma simples máquina de digerir, em número entre muitos.

O mundo, espiritualmente devastado pelo terramoto das inquietações sociais e pela guerra, não cria hoje já essa atmosfera poética que tornou possível noutras épocas poetas como Dante, Milton, Camões, etc.

Só o ambiente religioso da Europa do século XIV explica a «Divina Comédia», como só a mística Inglaterra do século XVII justifica o «Paraiso Perdido», e finalmente apenas ou sobretudo as descobertas marítimas dos novos mundos, o espírito português de cruzada, puderam criar tão alta e estranha sensibilidade poética como a que lucidamente se reflecte nos «Lusiadas».

Profundamente entristecido no íntimo do seu pensamento, o homem busca hoje na forma e na cor a expressão do seu sentir, a sua ânsia de indeterminado, a sua vida poética. São hoje os seus poetas os grandes realizadores cinematográficos, os René Clair, Frank Capra, etc., que lhe trouxeram com efeito, a verdadeira essência do seu sonho, a substância do seu ideal. Por isso, obras como o «Horizonte Perdido», encontraram no grande público um eco inesperado.

O maravilhoso poder de expres-

são do cinema adapta-se perfeitamente à maneira de ser da humanidade actual, mas o seu estilo quando se trata de filmes de grande classe não é excedido nem mesmo pelo dos maiores poetas do Renascimento. Pode dizer-se que o cinema acrescentou algumas cordas não só à lira dos gregos como à dos romanos e ainda à dos poetas modernos.

Conta Francis de Croisset que tendo assistido um dia com Charlie Chaplin à exhibição da «Quimera do Ouro», quando saíram dissera a este não só à lira dos gregos como a este não só a emoção que sentira. Charlot olhou-o e, hesitante confiou-lhe: — Não estou contente. — Francis de Croisset mostrou-se surpreendido. Chaplin explicou então: — Já não desejo comover com a dor, quero ser Punch, fazer rir, rir.

Não compreendi esta frase senão depois de assistir a «Tempos Modernos», que é na minha opinião um filme incompleto, mas magnífico, onde o admirável artista que é Charlot, verdadeiramente se ultrapassa. Porque é verdadeiramente com o cómico que ele nos entretém, com o estragante que ele nos empolga, e quando o espectáculo terminou é quasi como as lágrimas que nos lembramos do nosso riso.

É esta capacidade de modificar o próprio «espírito» a maior virtude do cinema.

Se assim não fôsse, como poderíamos suportar hoje o esplendor de tantas civilizações mortas, o brilho do século das luzes e o «Black-out» do nosso.

A vida é agora mais monótona e triste do que nunca o foi; e só os filmes como por exemplo «Viver não Custa» e outras ridentes lições de optimismo, nos conseguem fazer esquecer por momentos as civilizadas preocupações dos nossos tempos felicíssimos.

ALVES DE AZEVEDO

tar duma imagem outra imagem, dando um pouco a impressão duma espécie de órgão visual. Estes conjuntos muito belos, duma arte, por vezes, desconcertante, mas sempre curiosa, sollicitam da pintura certos pormenores que se reconhecem com alegria: — fragmentos de Matisse ou de Vlaminck, paisagens lividas de Gauguin, com um cavalo cor da lua, um pormenor do tecto da Sixtina arrancado subitamente ao seu tempo, e, sobretudo, as prodigiosas feitiçeras de Goya, de que uma grande parte da película parece, na verdade, um comentário.»

Quem conhece a composição de Mussorgsky pode adivinhar nas possibilidades infinitas que em tal campo se desdobram à sensibilidade dum artista visual. Pena foi que o exemplo de Alexeieff e Parker não tivesse fructificado largamente, criando-se ao cinema uma nova modalidade estética e fazendo dele, na verdade, — segundo a expressão de Pirandello — «a linguagem visual da música».

RODRIGUES CAVALHEIRO

As fotografuras e as zincografuras de «Animatógrafo» são feitas na Fotografura Nacional

Rua da Rosa, 273

LISBOA

"Natal do Vilão"

CONTO POR
JOSÉ DA NATI-
VIDADE GASPAR

Fred Lane ergueu-se do solo, sacudiu a poeira, e, como o director dera por concluídas as filmagens nesse dia, encaminhou-se para o seu camarim. A saída do «set», o encenador Max Kirby mais uma vez o cumprimentou pelo realismo que ele imprimira à cena em que, no cabaré, agride o galã, que, porém, no final o vence.

— Mas, agora reparo, Fred... — observou-lhe o director. Você tem a face a sangrar!

O actor, efectivamente, sentia no rosto certo ardor e humidade. Passando um dedo pela cara, onde o «make up» ficara algo defeito na luta, trouxe-o vermelho de sangue.

— Vá à ambulância tratar-se! — aconselhou-lhe o encenador. — Aquele alarve do Broderick Douglas, se tivesse a inteligência tam aguçada como as suas unhas de mulher, seria realmente um galã de talento!

— Deixe-o lá... — pediu, sorrindo, Lane.

Isto na cara não tem importância e o rapaz não é tam desprovido de qualidades como V. o afirma...

O encenador parou para, indignado, protestar:

— Qualidades!? Essa não é sua, Fred!

Que as meninas cinéfilas o adulem com declarações de amor e pedidos de retratos, vá! porque elas vivem iludidas pela publicidade, pelas fotografias retocadas e pelos papéis em que o Broderick tem sempre a parte simpática! Agora, V., que trabalha com ele, que tem visto que ele, só à vigésima vez, compreende uma expressão ou uma cena, que qualquer reles figurante mais perfeitamente exteriorizaria, é que não tem o direito de falar assim, a não ser que o faça por troça!

Um empregado do estúdio acercou-se dos dois e disse ao actor:

— Mr. Lane. Está ali uma pequena que lhe deseja falar.

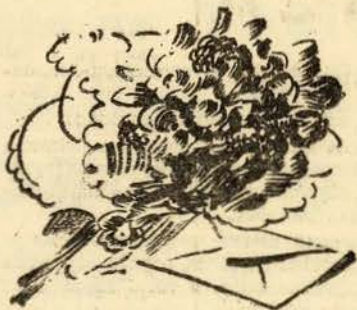
— Vou já!

Max Kirby deu rija palmada nas costas do amigo e gracejou, já bem disposto:

— Afinal, V. é o «vilão», mas as pequenas também o procuram...

— Faça justiça à minha cara, meu amigo! rogo o outro, também sorrindo. — O amor para mim está limitado ao que minha mulher me consagra, e que aliás perfeitamente me basta. Quanto ao resto, lembre-se de que, por cem missivas de amor que o Broderick diariamente recebe, no meu cacifo aparece uma única carta e esta mesmo é raivosamente insultando-me...

— Bem, em todo o caso não faça esperar a beldade que o espera. Até quinta-



— feira e alegre Natal, com todos os seus! Por sinal, eu já não vou muito cedo comprar os presentes para a minha gente!...

— Natal feliz, Max!

O «vilão» atravessou os estúdios, retribuindo, com aquele seu sorriso simpático, que os encenadores lhe proibiam ante a objectiva, os votos de «feliz Natal» que todos os camaradas, figurantes e pessoal da companhia lhe endereçavam com a espontaneidade significativa da estima que consagravam àquele excelente homem, que só era mau e repelente nos argumentos que interpretava.

Na sala de visitas, esperava-o uma rapariga, modestamente enrajada, triste de semblante, e que se ergueu para o cumprimentar.

Fred Lane não se recordava de a ter visto antes. A pequena apresentou-se: Era Mary Gills, uma pobre figurante a quem o «vilão», em tempos, protegera, conseguindo-lhe lugar nos estúdios. Mas, como ele costumava não reter na memória as boas acções que praticava, foi preciso que a rapariga pormenorizasse a época, a pessoa que a recomendara, as circunstâncias em que o pedido fóra feito, para que Fred, enfim, se lembrasse um pouco dêsse passado assunto e para ele sem importância de espécie alguma.

Aliás, não era por isso que Mary Gills o procurava agora. A razão era outra. Imediatamente, com lágrimas na voz, em voz baixa lha expôs:

A escassez de trabalho, a vida difícil de Hollywood, a necessidade de sustentar a família a seu cuidado, haviam obrigado Mary Gills a recorrer a um prestamista secreto, que as suas colegas, como ela, necessitadas, umas às outras indicavam. A figurante procurou-o e foi atendida a custo de sacrificios, logo previamente impostos, antes de o dinheiro lhe ser entregue, garantido por pesada usura. Mary, enquanto pôde, pagou os juros. Depois, supplicou ao usurário uma espera que foi indeferida com ameaças e injúrias. Naquela véspera de Natal, a pequena foi informada de que o agiota iria cair sobre ela com a sanhe,

que a crueldade própria e a ajuda das leis lhe facultavam, e, por isso, para que na sua pobre casa houvesse, senão felicidade, pelo menos tréguas no dia santo que todo o Mundo crente comemora, ela vinha supplicar ao seu protector, não que lhe valesse monetariamente, mas que intercedesse junto do seu colega para que ele fôsse mais humano e compassivo.

A palavra «colega», Fred Lane mostrou certa surpresa e repetiu-a admirado:

— Colega!

— Sim, — nomeou, de olhos no chão, a rapariga — Mr. Broderick Douglas...

Era então verdade! O peralvilho galã, antipático para todos os confrades do estúdio, de há muito que era suspeito, entre os colegas e dirigentes da companhia, de se entregar a inconfessáveis negócios de usura.

O compassivo Fred tranquilizou a pequena. Mandou-a para casa, com a certeza de que o seu Natal não seria perturbado por nenhum dissabor. Depois, o mais odiado dos «vilões» da tela foi dali ao perfumado camarim de Broderick Douglas. O galã recebeu-o altivamente, no seu sumptuoso roupão de setim, e inteiramente absorvido no arranjo das próprias sobancelhas.

Calmamente, Lane rogou-lhe mais generosidade para com Mary Gills, mas o actor, glacialmente, disse-lhe que, sendo o dinheiro pertencente a um amigo, da parte d'ele Broderick não podia contar com procedimento diferente.

A mais insistente supplica redarguiu, irónicamente, que não lhe interessavam as inclinações sentimentais dos colegas, os quais, se porventura queriam levar até ao fim o seu papel de bom samaritano, tinham, para isso, um meio extremamente simples: liquidar as dividas da protegida aflita...

Fred Lane sentiu correr-lhe nas veias aquele mesmo ardor que, no filme actualmente em execução, a rubrica lhe indicava que usasse em relação ao galã, seu inimigo. Sentiu, por segundos, ganas de lhe atirar à cabeça com a estatueta com que certo clube feminino brindara o idolo de olhos românticos. Mas conteve-se e limitou-se a perguntar qual o montante da dívida.

— Uns miserios duzentos dólares... — respondeu, clinicamente, Douglas... um modesto presente de Natal...

— Venha o recibo! — ordenou, rispidamente, Lane.

Broderick abriu a gaveta do toucador, folheou num maço de papéis todos iguais, tirou um e estendeu-o ao «vilão». Este olhou-o em exame atento, tirou da carteira algumas notas e atirou-as ao espelho em cujo cristal o galã

O Natal do "VILÃO"

pesquisava as suas sobranceiras superfluas.

A noitinha, Mary Gills recebia, pelo correio, o recibo, com um cartão sem outras palavras do que estas:

«As Boas Festas de Broderick Douglas».

Mas a radiosa pequena não se iludiu, porque, horas depois, na casinha riso-nha de Fred Lane, este deixou, por uns momentos, a esposa e os três filhos, todos felizes à roda da iluminada árvore de Natal, para ir aceitar, à porta, um ramo de flores, com estas linhas traçadas num cartão:

«Que a V. e aos seus, Deus conceda,

num Feliz Natal, as bênçãos que do coração lhe deseja a inesquecivelmente grata

Mary Gills»

— Que é isso? — perguntou-lhe, depois, a esposa.

O artista respondeu, sorrindo:

— As boas festas que, pela primeira vez em cinco anos de vida cinematográfica, alguém envia ao «vilão» mais odiado das plateias...

Naquela altura, soou meia-noite e, do aparelho de rádio, ergueu-se, solene e impressionante, o coral sagrado do «Adeste fideles».

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

DE MALA AVIADA



— Adeus, minha filha! Vou para o Olimpia, ver uma fita em série.

O CONCURSO de «Mister Smith goes to Washington»

Os últimos dias do prazo que fixámos para entrega das sugestões sobre o título português do novo filme de Frank Capra «Mister Smith goes to Washington», avolumaram consideravelmente o êxito do concurso, que já havíamos salientado no número anterior. Todos os dias surgiram na nossa redacção montões de cartas e postais, alguns completamente enegrecidos com letra miudinha e compacta. Por aqui se pode avaliar o comprimento das listas de títulos enviadas por alguns concorrentes.

O campeão da semana passada, com os seus 37 títulos, foi largamente ultrapassado por muitos competidores. A «camisola amarela» foi conquistada por um leitor que nos bombardeou com cento e setenta títulos! Quanto aos 500 escudos, que a Aliança Filmes e «Animatógrafo» oferecem — resta ver ainda quem os ganhará... No próximo número publicaremos o resultado do concurso, e então serão desfeitas muitas ilusões e será satisfeita uma esperança. Lamentamos que a proporção tenha de ser esta — tantas desilusões e uma só alegria! Mas a vida é assim — não há volta a dar-lhe. O que é preciso é que os vencidos não desistam, não se deixem vencer — e que voltem a aparecer na primeira ocasião, com o mesmo entusiasmo, a mesma confiança e a mesma fé em si próprios.

Falta-nos o espaço neste número para dedicarmos mais pormenorizada atenção às respostas enviadas. No entanto, não queremos deixar de destacar dois casos: um é o de oito irmãos que mandaram cada um o seu título, na mesma folha de papel, cada qual com a sua letra; o outro é o de um leitor que lembra muito a propósito uma quintilha célebre de Sá de Miranda, onde foi buscar dois títulos muito «possíveis»: «Homem dum só parecer» e «Antes quebrar que torcer».

OS MELHORES FILMES PORTUGUESES...

AQUELES QUE SE DISTINGUIRAM PELA DECORAÇÃO...

FORAM MOBILADOS PELOS

GRANDES ARMAZENS

ALCOBIA

RUA IVENS, 14 — LISBOA

MOBÍLIAS EM TODOS OS ESTILOS, ANTIGOS E MODERNOS
A CASA QUE SABE ASSOCIAR O «GÔSTO» E O «CONFÔRTO»

Visitar a nossa EXPOSIÇÃO PERMANENTE

é resolver o «seu caso»

CINEMA PORTUGUÊS

Começou a construção na TOBIS PORTUGUESA dos cenários do novo filme de BRUM DO CANTO

«LOBOS DA SERRA»

A verdade é que o Cinema português continua. O ambiente é erigido de dificuldades e de deficiências; não se produz com continuidade, numa indústria que tem na continuidade a principal razão da sua rapidez, perfeição e, portanto, a principal razão do seu lucro; não se tem atacado o mercado convenientemente, de forma a explorar todas as suas possibilidades que, sem serem muito fecundas, são, no entanto, largamente suficientes; já se encanou a necessidade de formação, especialização e garantia de equipas de pessoal técnico habilitado e competente, mas ainda não se conseguiu levar por diante a realização e concretização das soluções encontradas. Apesar de tudo, a verdade é que o Cinema português continua e continua mesmo com o aumento das dificuldades de toda a espécie, que são resultados da actual crise do mundo. As fitas portuguesas surgem e abrem carreira, marcando, na generalidade, um progresso técnico e artístico, apresentando-se como sucessivas etapas numa marcha ascendente que só os mal-intencionados não vêm evidente.

FITAS NOVAS

A «Lisboa-Filme» acabou há dias, as filmagens da sua produção «Pôrto de Abrigo», dirigida por Adolfo Coelho, e executa agora os últimos trabalhos de laboratório a fim de a apresentar no próximo mês de Janeiro do ano de 1941, num dos cinemas da capital. Pois ainda antes desta fita acabada já se iniciaram os trabalhos definitivos para a realização duma nova película, «Lobos da Serra» que a Tobis Portuguesa vai produzir. Jorge Brum do Canto cujos trabalhos «Canção da Terra» e «João Ratão», a crítica e o público receberam com tanto entusiasmo, será o director de «Lobos da Serra».

MÚSICA E ARQUITECTURA

No estúdio da Quinta das Conchas começaram já a erguer-se os dois maiores cenários interiores desta fita que são, como os restantes, da autoria de Raul Faria da Fonseca, um consagrado desde as provas brilhantes de «João Ratão».

Estão também ultimadas a preparação prévia e os planos de trabalho de filmagem desta película em que o autor da «Canção da Terra» volta a assinar, além da realização, planificação e montagem, o argumento e os diálogos, e as canções. A música destas, como aliás de todo o acompanhamento da fita, será escrita pelo maestro Jaime Mendes, cujo trabalho em «Pão Nosso» tanto agradou, o qual dirigirá toda a parte musical.

OS INTERPRETES

Maria Domingas que com a interpretação de «Vitórias» do «João Ratão» marcou definitivamente o seu lugar, dentro do cinema português

vai novamente, encarregar-se dum papel cheio de dificuldades que é o de «Margarida», protagonista de «Lobos da Serra». Sabemos que a personagem se lhe ajusta muito especialmente pois foi escrita de propósito para ela. Jorge Brum do Canto ficou tão satisfeito com o trabalho de Domingas no «João Ratão» que teve sempre presente as qualidades e grandes possibilidades dela enquanto delineou a acção de «Lobos da Serra» a qual gira, precisamente, à volta de «Margarida» curiosa figura de rapariga que luta pela felicidade, e pela reconquista dos dias alegres quando estes fogem.

No «João Ratão» Domingas tivera já ocasião para cantar, chorar e rir. Agora em todos estes aspectos e noutros a simpática vedeta, que está entusiasmada com o seu papel, vai alargar com certeza as provas prestadas e cativar ainda mais as nossas plateias — o que, aliás, pela maneira enérgica como luta para triunfar e pelo seu inegável talento e fotogenia, merece absolutamente.

António de Sousa, o camponês de «Pão Nosso», que em «Pôrto de Abrigo» acaba de representar um dos principais papeis, está indicado para protagonista masculino da história do novo filme de Jorge Brum

do Canto, papel que é cheio de dificuldades mas que se presta à maravilha para revelar todas as qualidades dum grande actor.

Para completar o elenco indicam-se alguns dos nossos melhores actores de teatro, uns apenas revelados, outros desde há muito consagrados, mas todos valiosos. Sabemos que, entre outros, vão ser convidados Manuel Santos Carvalho, Armando Machado, Silva Araújo, Ema de Oliveira, Marimilla, Artur Rodrigues, José Alves, Fernando Pereira, Pereira Saraiva, Carlos Alves, Carlos Baptista, o pequeno Fajeca e, além de muitos outros os grandes «azes» do riso António Silva e Costinha que se vão tornando, ao que parece, intérpretes imprescindíveis em produções nacionais.

UM «CINÉFILO» ESPECIAL...

Completa o elenco um outro elemento que vai ser, calculamos, uma grande revelação para o público português — o «Patinhas», «Patinhas» que na realidade se chama «Vouga» é um simpático rafeiro que Jorge Brum do Canto conheceu em Pessegueiro do Vouga quando filmava os exteriores de «João Ratão». A graça, obediência e habilidade do cão entusiasmaram de tal forma o realizador que logo pensou

arranjar-lhe um papel na próxima fita. Pensou e realizou: em «Lobos da Serra», «Vouga» vai interpretar o papel de «Patinhas» um cão, útil e fiel, capaz de dar que falar.

A ACÇÃO E QUEM A FOTOGRAFA

A acção de «Lobos da Serra» centraliza-se numa vila portuguesa do Minho perto da fronteira e decorre ora no cenário rude e abrupto das serranias de Peneda, ora na formosura e tranquilidade dos menceiros do Rio Minho. A par de cenas de grande violência e dinamismo passadas com os contrabandistas na sua luta contra os elementos e a guarda fiscal, há momentos de irresistível comicidade e outros de apaixonante sinceridade.

Cesar de Sá culto e competentíssimo operador português foi escolhido por Jorge Brum do Canto para assinar a fotografia de «Lobos da Serra» o que é, além da categoria do realizador e dos intérpretes, mais um elemento de grande valor a garantir a qualidade da nova produção da Tobis Portuguesa.

«Animatógrafo», dentro da sua missão de servir o cinema em geral e o cinema português em particular, continuará a dar aos seus leitores notícias desta produção.

VER... E FALAR

Esta secção tornou-se um pesadelo para mim. O panorama do cinema português tem características bem evidentes, que não se acomodam à rubrica de «Ver, ouvir... e falar». Ver — não se vê nada. Ouvir — ouve-se muito. Só nos resta, portanto, falar. E que grande recurso este para podermos dizer certas verdades que gostaríamos de ver transformadas em princípios rígidos da nossa indústria cinematográfica.

Sempre tivemos como inúmeros as emigrações temporárias de técnicos e capitais para o Lumiar. Que interessa ao cinema nacional que se faça agora uma fita e que se comece outra daqui a seis ou oito meses? Que interesse traz para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do nosso cinema que o estúdio da Tobis se anime de tempos a tempos para ficar, nos intervalos, com o aspecto triste e fúnebre de um casarão sem vida interior? Só uma produção continua, bem estudada

e organizada, pode trazer vantagens. Ela é mesmo o único caminho para se acertarem as agulhas do cinema português, assegurando-se o futuro da indústria e garantindo-se a existência de uma equipa de colaboradores, responsáveis pelo valor da técnica que o pingue de cada rôlo de celulóide.

O nosso cinema já passou do amadorismo. Hoje, há profissionais e estamos de acordo que só com eles se deve trabalhar, e só a eles compete defender — pagando-lhes justamente o seu trabalho. Mas não basta filmar com máquinas impecáveis e revelar com limpeza. É preciso, também, ter o espírito da profissão e o sentido da responsabilidade. E estes só se adquirem com a certeza de que se enveredou por uma profissão desejada e da qual não há que ter arrependimento por falta de actividade.

Já o temos dito e repetimos. Um dos maiores males do cinema português é a desordem que é filha da

falta de um plano, de um estudo a sério, que seja pôsto a funcionar sem colapsos, para nos servirmos de uma palavra tão em moda. É indispensável que se deixe de pensar numa fita — para se pensar, antes, em fitas. E preciso que cada entidade não faça nada sem saber, pelo menos, o que vai fazer daí a um ano. Assim, — haverá produtores, isto é, pessoas especializadas na complicada mecânica administrativa da produção cinematográfica e não chefes desta ou daquela firma de distribuição que põem os olhos no cinema nacional apenas pela necessidade de valorizar o seu lote de filmes estrangeiros.

António Lopes Ribeiro garante-me, há pouco, que jurara não voltar a dirigir uma fita grande sem ter outras preparadas (por ele ou não!) que se lhe sigam. Caso contrário, preferia fazer documentários, já que é do cinema que tem que viver.

É um exemplo que deve ser seguido. Os capitalistas hesitam muitas vezes em comprometer o seu dinheiro em negócios de fitas. Há quem não compreenda a hesitação. Mas eles têm razão. A indústria dos filmes é como qualquer outra — só é remuneradora quando exercida com competência e esta só se obtém com o exercício contínuo e aturado da profissão.

AUGUSTO FRAGA

A PÁGINA DOS NOVOS

Como se matam CINÉFILOS

Porque foi que os cinéfilos de há dez anos não apareceram no primeiro dia e é necessário chamá-los? Porque se tenham desinteressado do cinema? Porque a sua vida profissional os prende a tal ponto que os não deixe assistir à passagem de filmes? Porque a idade e a maneira de viver os mantêm afastados num viver social em que julgam parecer mal fazer profissão de fé cinéfila? Porque, enfim, entendem que isso deve reservar-se para os mais novos — eles não são velhos, antes estão na plenitude das suas qualidades de trabalho, inteligência, vontade e realização — para «aqueles» que eles já foram, mais sonhadores, mais fantasistas, mais poetas, quando cursavam o liceu ou a Universidade ou, simplesmente, eram empregados comerciais ainda à prática?

Talvez de tudo isto haja um bocadinho.

E porque pensam assim? Porque no tempo de iniciação se lhes criou uma mentalidade falsa, ou pelo menos superficial a respeito das coisas do cinema. Criaram uma mentalidade cinéfila pouco consistente, óca, superficial, agarrada ao pormenor banal e vistoso, actual mas fantasiado, belo, perfumado, atraente, sedutor, mas como o da rosa: desfolhado, com o tempo só deixa uma vaga recordação.

Onde está a cultura, alicerce de toda a obra do espírito que se quer fazer perdurar? A cultura não morre, nunca se perde, antes se acrescenta muitas vezes até insensivelmente. Quantas minúcias apañadas por um cérebro culto dão realizações magníficas e passam, para a maioria, como banalidades absolutas.

Qual tem sido o papel cultural das revistas e jornais de cinema? Temos de concordar que essa obra

cultural tem sido quasi nula. (Bem sabemos que há excepções).

Que pode interessar ao médico, ao advogado, ao engenheiro, ao contabilista ou ao comerciante que, por exemplo, a Greta Garbo use os cabelos platinados, castanhos, louros ou pretos? Mas é não se desinteressar da artista; estimaria por certo ler um bom estudo sobre esta glória da tela em que ficasse a saber alguma coisa sobre as suas qualidades históricas, as modificações que trouxe à arte cinematográfica o seu aparecimento, as renovações que fez, o carácter que deu às personagens que encarnou, talvez o estudo comparado com artistas de teatro que tivessem desempenhado os mesmos papéis etc. Que lhe intrinseca que a Annabela passe algumas vezes em Lisboa para embarcar no Clipper, venha vestida de cinzento ou de azul, tome chá no Paladium ou no Tamariz? O que apreciaria seria um bom artigo ou entrevista em que tivesse ocasião de aprender alguma coisa sobre a actriz além daquelas banalidades noticiosas, necessárias e úteis, mas na secção própria.

Talvez aus deztois anos lhe interessasse mais a cor das meias da Annabela, mas agora, em família, com filhos, responsabilidades de cargo, não se detem a ler revistas de cinema ou artigos cinematográficos nos jornais diários por os julgar todos deste género. Foi esta a ideia que ele firmou na sua mocidade; é isto que ele julga ser cinéfilo!

O povo chama cinéfilo ao aéreo, ao que não toma a vida a sério, ao que vê tudo pelo prisma da fantasia e vive uma vida irreel, poética.

Bem sabemos que cinéfilo não é, melhor: não pode ser isto. Mas o povo tão agarrado está a esta ideia que dificilmente a mudará. E tal-

vez os verdadeiros cinéfilos temham de abandonar esta linda palavra derivada do grego que significa amigo do cinema, para conseguirem criar no povinho uma mentalidade nova.

É preciso criar, em Portugal uma verdadeira escola de cinema (não quero referir-me, claro, ao profissionalismo). Há toda a vantagem em integrar o cinema no ambiente que ele merece e precisa, pondo-o lado a lado com as outras artes, publicando estudos completos sobre os melhores filmes nacionais ou estrangeiros, fazendo *reprises* de fitas de valor indiscutível com a nota de exhibição cultural. Como seria interessante uma conferência, ou melhor, uma lição, sobre um filme, digamos clássico com a projecção das melhores passagens em que o mestre salientasse aquilo verdadeiramente digno de nota.

Quem sabe, em Portugal, como se faz um filme?

Se até os profissionais da crítica o ignoram! Não vimos, há pouco, Brum do Canto ter de explicar, a um crítico, que certos erros que

ele lhe apontara não lhe pertenciam visto o seu papel dentro do filme ser muito diferente do que o crítico julgava?

Quem sabe qual o papel de cada um daqueles cavalheiros que aparecem em destaque nas primeiras três ou quatro páginas (poder-se-á chamar-lhes páginas?) de legendas de qualquer filme de categoria? Não haveria interesse em explicá-lo?

As vezes, é desconsolador, parece que certas pessoas com responsabilidades preferem a ignorância do público. Haja em vista o que aconteceu a «Retardador» depois de publicar uma crítica felicíssima a uma conhecida produção portuguesa. Não foi censurado pelo realizador de ter pósto os seus conhecimentos técnicos ao serviço do crítico! Foi o cúmulo! Tomáramos nós que todos os críticos tivessem conhecimentos técnicos profundos, pois escreveriam, com certeza, melhores críticas. O saber nunca ocupa lugar.

ANGELO MANUEL

LENTIDÃO

A arte cinematográfica no nosso País, marcha com a lentidão de cágado em convalescença — termo usado pelos médicos espirituosos a quem peço vénia.

Toda a gente — quer os que vivem dessa e para essa arte — quer os que desejam que ela lhes satisfaça as exigências espirituais, é unânime em acusar essa lentidão. Mas, essa toda a gente, é também teimosamente unânime em fechar os olhos à causa originária desse lento movimento.

Quem encara a sério, o desenvolvimento da sétima arte, neste País de excepcionais condições para o seu desenvolvimento?

As empresas cinematográficas, as empresas produtoras, os realizadores, o público? Não, ninguém!

Neste soberbo torrão, onde o Criador despejou largamente a luz, matizou artisticamente a paisagem, distribuiu sabiamente os quadros e burilou genialmente os motivos, todos esperam comodamente que o mesmo Criador lhes faça o milagre — não de lhes insuflar energia, corrigir defeitos ou moderar exigências, mas sim o milagre de que o Estado despeje alguns cofres, para que surjam como cogumelos, em volta de tronco suculento, os realizadores de génio, os argumentistas de valor e as estrelas de mérito.

Neste País, em que o capital é pouco atrevido e menos abundante, não se procura a escala progressiva do esforço, com a qual chegamos, os capitais, empresas estrangeiras que há vinte anos eram pobres sociedades animadas apenas da vontade de trabalhar, do desejo de vencer, apoiadas somente no seu valor e em magros capitais.

Neste País em que a crítica menos sincera e demasiado paridurista encara o filme segundo o seu espírito doutrinário, o seu credo político ou a sua moralidade todos

entravam a marcha do cinema nacional, prejudicam as lições dos filmes estrangeiros e trabalham impensadamente, senão para a supressão, para a dificultosa ascensão da arte cinematográfica.

Uma empresa produtora, depara primeiro com o próprio receio, depois com a indiferença do capital, a seguir, com os diversos pareceres técnicos, mais adiante, com a dificuldade de bons argumentos, por último com a má-vontade do público e da crítica que posso taxar de criminosa.

Um filme nunca é mau, não sendo mal interpretado, bem visíveis e vivas as imagens, belos os quadros e sofrível o argumento.

Um filme só é mau, quando o quadro nega a visão do argumento, os falsos enómios da crítica, a realidade das imagens e o valor dos intérpretes.

Criticar um filme desprestigiando-o apenas porque nele há pequenas faltas dispersas, sempre desculpáveis ou justificáveis! É o mesmo que pretender estar isento de as cometer.

Criticar um filme enaltecendo-o, ou desprestigiando-o porque nele apenas vimos o que fomos procurar, a parte que se nos afigura doutrinária ou moral. É o mesmo que criticar uma obra avaliando não a beleza e a arte que dela se desprende, mas sim a doutrina que do seu autor se desprende!

O bom não é o mau. O belo não é o sublime!

Mas, sem o mau e o sofrível, o que seria do próprio sublime?

Filmar, é no país do filme, apresentar quadros e imagens, sem outra preocupação que não seja a de satisfazer todos os gostos, pelo menos os mesmos quadros e imagens.

Que assim o compreendam aqueles que no nosso País, veem conveniências e horizontes bem diferentes...

MARIA GIL

CORREIO DOS NOVOS

ARMINDO BLANCO. — O seu artigo sobre Basil Rathbone começa bem, mas depois... descarrila. Em todo o caso talvez o publicamos, aliado da precocidade histórica. E não desista!

J. C. RIBEIRO. — Não nos interessam traduções, mas sim artigos originais. As legendas do «Looks» só valem com as imagens que comentam. Transformá-las num artigo, é pouco para a exigência legítima dos leitores de «Animatografos». Porque não tenta ir além, escrevendo de novo o que as legendas lhe sugeriram?

C. SANTOS. — O filme que o entusiasmo era bem feito, sem mais nada. Já vê que seria descabido um artigo tão encomiástico como o que enviou. Mas não desanime!

A. S. TORRES. — Li, com a maior atenção, o que me mandou. Há ideias ali dentro, bem mais schaplinescas do que supõe a sua modestia. Hel-de encerrar-lhe longamente sobre o assunto, depois de conversar com o actor que indigita — e muito bem — para o protagonista. Parabéns!

D. SANTOS. — O diálogo que man-

dou acerca de «Mulheres não só perdem a oportunidade, como é pouco adequado a um jornal de cinema.

POOR THING I AM.—Obrigado pela carta, Ficamos à espera dos artigos. Mas não os faça tão grandes como a carta!

S. BRANDÃO. — A sua «Cartilha do Cinéfilo» é, a nosso ver, excessivamente retrospectiva. «Animatografos» tem, acima de tudo, a preocupação da actualidade. Passar em revista e dizer que são muito bons os filmes que cita, tem qualquer coisa de lugar comum. Mas salva-se grande parte da doutrina que, se nos der licença, publicaremos, eliminando o que nos parece repetidamente inútil.

W. AMORIM. — O seu elogio fúnebre já não tem qualquer actualidade e é bombástico em demasia. Um elogio fúnebre require mais emoção e menos adjetivos.

JOSEPH S. BROOK. — Os pseudónimos só são necessários para as respostas nesta secção. Os artigos podem ser assinados com o próprio nome ou com um pseudónimo, à vontade do frequentador.

OS CINEMAS PORTUGUESES

Saúdam o Público por intermédio de «ANIMATÓGRAFO»

SÃO LUIZ

A FESTIVA QUADRA DO NATAL NÃO PASSARÁ DESPERCEBIDA NO «SÃO LUIZ» que organizou para essa data um programa sensacional, no PALCO e na TELA!
NA TELA: MICKEY ROONEY e JUDY GARLAND

no mais alegre filme musical da temporada

«DE BRAÇO DADO»

NO PALCO: Os célebres pianistas de fama mundial DR. EGON NEUMANN e KENIGSMARK

A Empreza A. Ramos, Ld.^a deseja aos seus clientes e amigos
FESTAS FELIZES

EDEN

TELEFONE 2 0768

Praça dos Restauradores — LISBOA

**O CINEMA DAS BOAS FITAS
 DESEJA AS BOAS FESTAS**

**AO PÚBLICO DE
 PORTUGAL**

Agora em exibição:

«O FEITICEIRO DE OZ»

— Sétima maravilha da Sétima arte —

TIVOLI

APRESENTA A TODOS OS SEUS ESPECTADORES E AMIGOS CUMPRIMENTOS DE

BOAS FESTAS

LEMBRANDO-LHES A VER-SÃO PORTUGUESA DE

Pinocchio

O MELHOR PRESENTE DE NATAL

AV. DA LIBERDADE

TELEFONE PBX 5 0595

DEANNA DURBIN

A GRANDE INTÉRPRETE DO
«PRIMEIRO AMOR DA GATA BORRALHEIRA»

por intermédio da Empreza VICENTE ALCANTARA deseja a todo o público dos

CINEMAS

ODEON

RUA DOS CONDES — Telefone 2 6283

PALÁCIO

AV. DUQUE DE AVILA — Telefone 4 7163

ROYAL

RUA DA GRAÇA — Telefone 4 5037

**FESTAS FELIZES
 E UM ANO NOVO**
 cheio de prosperidades

POLITEAMA

RUA EUGENIO DOS SANTOS

TELEFONE 2 6305

DESEJA AOS SEUS FREQUENTADORES

UM FELIZ NATAL

UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO
 E A VENTURA DE PODEREM VER AS ARROJADAS E AUDACIOSAS AVENTURAS DE

Robin dos Bosques

NA MARAVILHOSA PRODUÇÃO COLORIDA ACTUALMENTE NA SUA TELA

CINEMA CONDES

TELEFONE 2 2523

O CINEMA DE GRANDES TRADIÇÕES DESEJA AOS SEUS FREQUENTADORES

BOAS FESTAS
 PROMETENDO CONTINUAR A APRESENTAR

BONS FILMES

CENTRAL CINEMA

TELEFONE 2 4381

NO COMEÇO DO NOVO ANO DE LOTAÇÕES ESGOTADAS TODOS OS DIAS, DESEJA A TODO O PÚBLICO CINEFILO DA CAPITAL

**UM ALEGRE NATAL
 UM NOVO ANO FELIZ**

PARIS CINEMA

Telefone 6 2230 — R. DOMINGOS SEQUEIRA

O melhor, maior e mais cómodo cinema de reprises da capital
ESPECTACULOS TODOS OS DIAS

Matinéas às 2.^{as}, 3.^{as}, 5.^{as}, Sábados e Domingos
OS MELHORES FILMES PREÇOS MÓDICOS
 Natal e Ano Novo próspero deseja

REX

TELEFONE PBX 2 9656

MATINÉES E SOIRÉES DIARIAS

**SEMPRE OS MELHORES
 PROGRAMAS**

OS CINEMAS DA BOA PROJEÇÃO

com alta intensidade e écran magnoscópico

CINEARTE

RUA VASCO DA GAMA — Telefone 60 446

EUROPA

RUA ALMEIDA E SOUSA — Telefone 61 016

**DESEJAM
 AO SEU PÚBLICO**

**BOAS FESTAS
 e um
 ANO NOVO FELIZ**

CHIADO TERRASSE

Telefone 2 0917 — R. António Maria Cardoso

CUMPRIMENTA OS SEUS ESPECTADORES DESEJANDO-LHES
BOAS FESTAS

prometendo continuar a trazer ao Chiado todos os grandes êxitos cinematográficos

LYS CINEMA

Telefone 4 8560 — AV. ALMIRANTE REIS

**O MAIS FREQUENTADO
 CINEMA DE REPRISE**

Deseja ao seu numeroso público
**NATAL FELIZ E UM NOVO ANO
 CINEMATOGRAFICO CHEIO
 DE PROSPERIDADES**



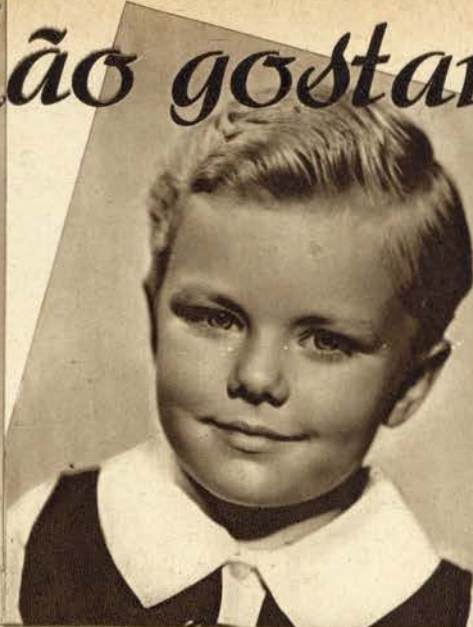
5 LÂMPADAS E 3 COMPRIMENTOS DE ONDAS (176 A 555 / 38,5 A 130 / 13 A 38,5 METROS) QUE GARANTEM UM FUNCIONAMENTO PERFEITO, TÃO BOM COMO O DE UM GRANDE APARELHO «SUPER». E VENDIDO, NO ENTANTO, APENAS AO PREÇO DE 1.150.000 EM 24 PRESTAÇÕES, OU COM 10 % DE DESCONTO A PRONTO.

PEDIDOS A TODAS AS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE OU AOS SERVIÇOS DE PROPAGANDA DAS C. R. G. E. TELEF. 2 0011



DEANNA DURBIN Apesar de termos publicado na capa do n.º 6 um lindo retrato de Deanna Durbin, duas razões poderosas nos levam a publicar este outro no número do Natal: o facto de Deanna ter ficado em primeiro lugar no Referendum de "Animatógrafo" e o êxito retumbante alcançado pelo seu novo filme "Primeiro Amor de Gata Borracheira", que Filmes Alcântara apresentam agora em Lisboa, no Odéon e no Palácio, e cuja crítica se faz na respectiva secção. A "Noiva do Mundo" merece largamente esta consagração, modesta mas sincera, que os nossos leitores decerto vão sancionar.

*Não gostava de ter
um filho
assim?*



BABY DUMPLING

Gênio precoce, rebento da «Família Blondies», a impagável familória de que a Aliança-Filmes tem o exclusivo para Portugal

A primeira carta cinéfila de MARIA DA GRAÇA



1 O Director de «Animatógrafo» entrega a Maria da Graça as primeiras cartas cinéfilas, recebidas por intermédio do nosso jornal, logo depois do primeiro número.



2 António Lopes Ribeiro e Santos Mendes, que dirige a publicidade da Lisboa-Filme, preparam-se para assistir ao efeito das palavras do primeiro admirador.



3 E o efeito parece não ser mau, a avaliar pelo sorriso de Maria da Graça. Que seria que êle lhe disse? Mas muito mais coisas lhe dirá, quando a vir em «Pôrto de Abrigo».

...e a primeira bofetada
de ÓSCAR DE LEMOS

1 A vítima: VIRGÍNIA SOLER



2



3



As Favoritas da Redacção

COMO não podia deixar de ser, «Animatógrafo» é redigido por cinéfilos, cinéfilos autênticos, que não têm vergonha de o proclamar antes, pelo contrário. E como bons cinéfilos professam, além da sua, uma religião particular, mitologia de Olimpo atranvacado, em que as «estrelas» se deificam e veneram com exemplar fervor. O culto epistolar do «estrelame» argênteo do cinema é um dos ritos fundamentais dessa mitologia, a que nenhum cinéfilo pode furtar-se sem risco de purgar tremendas penitências. Os nossos redactores, para dar o exemplo, enfileiram entre os mais devotos. É claro que, como são «da casa», usam duma familiaridade invejável... «Animatógrafo» comete a indiscrição de deventar esse correio, certo de que isso divertirá os leitores, — e pede perdão às benevolentes destinatárias...

Minha querida Bette:

Desde já te peço mil desculpas pela ausência desta carta. Ainda não me esqueci das tuas recomendações para conservarmos o segredo... No entanto no «Animatógrafo» fui capaz de calar esta tendência para ser a toda a gente... claro... que nós... Mas descança. É evidente que ninguém acredita que isto seja verdade e assim nada temo a dizer que eu não sou pessoa importante com ciúmes, porque — sabias? — quando se chama Rita Casimiro tinha a mania que eu só estava dela. Serilhos!...

Recebi o teu anel de cabelo com a pendente em cor que usaste. Agora não te esqueças de mandar as outras porque gosto de ter a colecção completa.

Aquela passagem do «Nostradamus» a que te referes na tua última carta quero dizer o seguinte: «Fernando Garcia é o homem que te convém». Eu sempre disse que esse «Nostradamus» era um tipo às direitas!

Bellinhos do FERNANDO



Querida Alice Faye:

Gosto de você porque é bonita e apresenta-se bem e, ainda por cima, porque sempre tive um fascínio especial pelas mulheres imperfeitas. Desde os meus tempos de cinéfilo-menino, sempre procurei imperfeições com a paciência do coleccionador de selos que procura defeitos nas emissões, abandonando os exemplares corretos ou as mulheres sem defeitos são profundamente aborrecidos. Lembra certas melodias bem conhecidas em que o primeiro compasso sugere logo os outros, aparecidos sob a forma de assobio — essa invenção dos nossos instintos de assobio — e imediatamente os nossos instintos revelamos o comodamente os trechos ainda som do «jazz» alucinante, naquele momento em que todos os instrumentos se recolhem honestamente à surdina e o piano fica martelando o «refrain» da canção, você procurava com avidez os crânios lustrosos de certos milionários sentados na plateia...

Aqui fica esta carta, testemunho de que a tenho, como você, um génio maltreitado e vazio. Ainda não fomos devorados pela colectividade. Caminhamos heróicamente fora do «género perfeito», cujas qualidades morais estão de acordo com os sérios preceitos de infância, foram compulsadas por todos nós, jornalistas, juizes, negociantes, homens honrados, «setunos», «escrocos», etc...

AUGUSTO FRAGA



Deanna Dear:

Deanna, caçadora de cinéfilos, permita que me inclua também entre os mais humildes, mas não dos menos dedicados dos seus «caçadores».

Mas não se assuste! Não venho solicitá-la em casamento! Além de que, para tanto, já chegaria tarde, visto que o felicíssimo Vaughn Paul teve o bom senso de se antecipar a qualquer outro. Por outro lado, também nunca as aspirações me fizeram subir a tais alturas, ainda mais elevadas do que o gigante maior entre os arranha-céus da sua magnífica pátria... Ditosa pátria que tais filhas tem!... (Filhas como Deanna, é claro!)

Eu sei que o seu dote é verdadeiramente de tentar e vale mais do que a nossa modesta (sob o ponto de vista americano) «Taluda» do Natal... Mas V. tem ainda outro dote mais precioso e, universalmente — sem jôgo de palavras com a firma que a contratou... — mais acessível para nós; a sua graça, o seu talento, a sua radiosa mocidade!

Chamam-lhe, como outrora a Mary Pickford, a «Noiva do Mundo»... Pois sim, seja noiva de todos nós, que a namoramos, garbando, de plateia, para a janela luminosa onde V. canta e sorri... Seja a nossa noiva, porque o seu Vaughn ou o seu Paul — ainda não percebi bem qual é o nome próprio do felizardo... — não se zanga, de-certo, pois a Deanna pode ser cortejada pelo mundo inteiro, na certeza de que só com um pode casar: provavelmente o citado Vaughn Paul...

Termino. Até à vista Deanna Darbin — porque só à vista de novo filme seu estas terão fim — como se diz na minha terra que V. nunca viu... Bye, Bye, «Nice Girl», — título que é o do seu novo filme, — mas que podia ser também o da sua biografia... Bye, bye...

Do sincero, mas inótilmente, seu JOSÉ DA NATIVIDADE GASPARI



Querida Ginger:

Confesso que não esperava semelhante coisa de ti! A minha confiança ilimitada no teu bom-senso recebeu um golpe rude — mas que delicioso golpe foi esse! Desde que li a tua carta passei a viver no céu — no sétimo andar do céu — só de pensar que, por minha causa, desmentias o teu firme bom-senso pela vez primeira. E assim a descompostura que me deste pôs-me feliz e orgulhoso como um rei — o que de-certo não entrou nos teus cálculos...

Mas que ideia a tua, querida! Como pudeste supor que representava uma infidelidade para contigo a admiração que me causou a beleza e a personalidade da Paulette Goddard, a última vez que a vi? Não percebeste que se trajou de uma simples emoção estética? Como me atrevia a falar-te dela, se não fosse apenas assim? Minha grande, minha linda conta ciumenta!

Não, eu nunca poderia enamorar-me duma mulher que a Paulette. Eu gosto mas é de ti — da tua alegria saudável, da tua nitidez tranquilizadora, da tua vivacidade maliciosa, da tua frescura e simplicidade de flor agreste. O resto são franjas!

Minha rica filha: é preciso que tenhas mais confiança em ti própria, que encares a vida e as contrariedades com um pouco mais de coragem e optimismo. Senão cala no hábito de te arrepelares por tudo e por nada, de chorar por dá cá aquela palha — e fazes-te feia!

(Agora reparo que me pus a ensinar o Padre Nasso ao visário, pois até hoje eras tu que desempenhavas para comiso a função de «professor de energia». Não leves a mal — e perdã-me!)

Recados meus para a tua Mãe e para a tua prima — e ponto final nos amouros, ouviu?! Até ao próximo Clipper! Merry Christmas!

DOMINGOS MASCARENHAS



Joan

Não podes dizer que não, porque tenho licença do meu director.

...Olhei para o constelado firmamento de Hollywood e não fiz mais cerimónia: apitetei e touxe-te para o meu convívio.

Sinto-me com isso mais vaidoso do que o Senhor Grilo depois de condecorado.

A culpa foi de certa imagem colorida — a tua cabeça em grande plano — último eco do «Grito de 1938»...

Eras então loira, completamente loira, como os homens preferem.

Nessa noite adormeci mais tarde.

Passou-se muito tempo, pelo menos tanto tempo que achei muito, que num belo dia tornaste a aparecer, mas desta vez morena: — a maior loucura dos «Doidos à Solta».

Como estrela que és seguiste a tua órbita, e eu fiquei a matar saudades (sabes o que são saudades...?) — com a Heddy Lamarr.

Agora não apareças ruiva, porque a Hepburn é muito mais inteligente que bonita.

Yours very sincerely ANTONIO CARVALHO NUNES



Uma ilha deserta. O mar azul... Lá muito longe, em zona incerta dos Mares do Sul... Tu e eu — eu e tu, no Paraíso de Honolulu.

Noivado simples, quasi paixão! Há sol e flores — a Natureza em festa. Só de ver-te passar, o mar dirá: outra não há que valha esta!

Quando nós dois, sós e felizes, correremos a praia, de lés a lés, o mar azul, meigo e tranqüilo, virá beijar teus pés.

Na noite morna, Primavera em sombra, tendo por manto ceus estrelados — Deus-Cupido virá tapar a Lua, pra que não vejam os namorados.

E se tens medo de estar sózinha, mesmo a meu lado, — não chores, filha...

Porque estudaremos os dois, conscienciosamente, a melhor maneira de povoar a ilha.

Dorothy — queeres?... FERNANDO FRAGOSO



Eleanor, my darling

O Nat Pendleton, aquele teu colega e grande amigo meu que há anos conheci aqui em Lisboa, quando ele não pensava ainda no cinema, mandou-me agora um recorte do «Motion Pictures», com uma fotografia feita no concerto do Stokowsky, pelo Charles Rhodes, e os comentários verdadeiramente antipáticos escritos pela Helen Hoyer a propósito daquele professor da Universidade de Los Angeles que te acompanhava, e de que tu, aliás, me falaste na tua última carta. É claro que eu tenho a mais absoluta confiança em ti, e sei que ele é um «tipo chic». Mas, como supões, gostaria bem que não voltasses a dar motivos a que essa gente impossível, sempre à caça do escândalo, voltasse a falar de ti. Combinado?... Mas agora reparo. Quando esta chegar ao 727 da Bedford Road, estaremos em pleno Natal. Mas eu, que infelizmente não posso ainda este ano passá-lo junto de ti, pedi já, encarecidamente, a Santa Claus que não se esquecesse de te entregar uma lembrança minha — a big, very big little kiss.

With all my heart FÉLIX RIBEIRO

P. S. — Pelo Clipper de hoje, mandei-te uma calxinha com meias pretas, Merry Christmas!



Minha adoreda Jean:

Estranhaste certamente o meu longo silêncio. Não sei como desculpá-lo, nem poderia dizer-te que o jornal me ocupa os cabelos... Mas seria injusto para contigo, e para contigo, pois a saúde de ti é mais plausível que a de andarem meus pensamentos de tal maneira presos à memória da tua figurinha airosa, dos teus olhos brilhantes, do teu timbre comum, estranho e inconfundível, que quasi me dispensam de escrever-te surtos, luminosos, bulbosos, maliciosos, entre dois séculos que me ralaram os fios, pois me provaram que podiam ver-te e tocar-te a cada instante. E eu para aqui fiquei, no anselo constante de surpreender nas telas brancas o teu rasto de estrêla e de mulher, sempre abraçada a outros braços, fingindo vida e amor, quando os únicos braços que te merecem são os meus.

Estou hoje, como vés, lamurioso e romântico. Mas eu sei que, por trás da tua aparência forte e desembaraçada de sapatilhas e de dar tiros e chicotadas, há um coração de neira dos corações que os portugueses usam e entendem. Por isso creio que me perderás.

Teu atrevido adorador ANTONIO LOPES RIBEIRO

CAROLE LOMBARD

escolheu ela própria estas fotografias das filmagens de "O OUTRO", (They knew what they wanted) de GARSON KANIN, que a RADIO-FILMES vai apresentar



Não deve haver muitas revistas que se possam gabar de ter publicado fotografias como as que honram estas duas páginas de «Anima-grafo». E' que são fotografias escolhidas pela própria Carole Lombard nas colecções da K. O., a grande companhia americana para a qual ultimamente tem trabalhado. Escolha a sua, como a fotografia número 1 nos seguintes, porque Carole quis-nos oferecer bons documentos.

Todos os estados de alma são possíveis enquanto se filma. Há momentos que parecem fictícios, momentos como os da foto n.º 2. Há momentos desesperados em que o desânimo nos obriga a deitar as mãos à cabeça (n.º 3) quando, depois de horas sem fim de trabalho, é preciso arrancar mais emoções para dar ao público.

Horas de camaradagem quando, num intervalo de duas cenas, se reúnem pessoas cultas e amigas como são Carole Lombard, o grande Charles Laughton e o realizador Garson Kanin (n.º 4).

Horas de concentração, de atenção, de auxílio, quando se ensaiam os momentos violentos, tensos, perturbantes, que o público exige, mas e que o público não sonha quanta energia adormecida (n.º 5).

Horas sem vontade em que se ganha vontade, quando dois grandes intérpretes podem descansar uns minutos em qualquer canto do cenário como Laughton e Carole na fotografia 6.

Quando é um grande realizador como Garson Kanin que dirige grandes actores em excepcionais fitas como «O Outro», há dias de intensa colaboração em que se fazem fotos sucessivas à n.º 7 em que à volta das miniaturas e cenários se estudam marcações e se erguem momentos que enfeitam as plateias.

Outras vezes acontece que, entre pessoas que se prezam de ter personalidade, surgem os pontos de vista. Os nervos andam tensos, cansados de dar «nervo» a momentos certos, capazes de vibrar ao mínimo sopro. Todos os momentos que se representam podem viver-se com vidas diferentes. Ele diz que deve ser assim. Ela garante que assim não pode ser. O realizador critica os dois, repreende-os os dois. Mas qual é este realizador está convencido que nos ensina a representar? E o sr. Laughton, está convencido que sabe mais de representar do que eu? E a sr. Carole essa porventura pela cabeça que eu, actor consagrado e festejado em fitas e em palcos, estou à espera do seu conselho? Os espíritos zedam-se, discute-se e chega-se a duvidar da camaradagem, tão cantada e apregoadada, dos grândios... Fazem-se a sério caretas iguairinhas a estas feitas a brincar (n.º 8).

A camaradagem dos estúdios! Existe?... Não existe? Existe sim, firme, segura, camaradagem de todas as horas, capaz de nos apoiar sempre que se vacila. Carole zangou-se e amouu (9). Mas todos acorrem, todos brincam para animar e animar, todos garantem que a camaradagem existe. E amanhã pedem-se mútuas desculpas, o trabalho continua e (verdadeiramente) depois das pazes fica tudo mais amigo!

F. G.





TYRONE POWER Quando Tyrone apareceu pela primeira vez nos ecrans portugueses, ouve espectadores de ambos os sexos que, por um capricho inexplicável, desataram a embirrar com êle. Embirração injustíssima, diga-se desde já, pois Tyrone é um excelente actor, e um rapaz indiscutivelmente bem parecido, másculo e delicado ao mesmo tempo. E embirração passageira, pois o facto de Tyrone Power figurar agora no primeiro lugar dos actores eleitos pelo nosso Referendum é bem significativo. Aqui têm o prometido retrato do criador de "Jesse James", que está contratado pela 20 th. Century-Fox.

AS BOAS-FESTAS DOS CINEMAS

A EMPRESA DOS CINEMAS SÃO JOÃO e ÁGUIA D'OURO

Saúda o Público Português
e em especial o Público do Pôrto

desejando-lhes um **Feliz Natal** e um **Novo Ano**
cheio de felicidades — e de ótimos filmes, como
os que vai ter a honra de lhes apresentar em 1941.

A EMPRESA DOS CINEMAS

TRINDADE

E

CARLOS ALBERTO

deseja aos Cinéfilos Por-
tugueses um **NATAL** e
um **ANO BOM** tão feli-
zes como a sua progra-
mação habitual.

BATALHA

O Cinema das velhas tradições

deseja aos seus freqüentadores,
ao seu PÚBLICO fiel,

FESTAS FELIZES
e **UM ANO FELICÍSSIMO**

A Empresa do OLYMPIA

(do Pôrto)

faz votos para que todos os
Amigos do Cinema tenham
um **NATAL** e um **ANO BOM**
dos mais ditosos

RIVOLI

A Empresa do maior
Cinema do Pôrto apro-
veita o **NATAL** para
saúdar o Público por-
tuense e todos os Ci-
néfilos portugueses,
fazendo votos por um
ANO FELIZ.

IMPERIAL

Telefone 4 5933 — R. FRANCISCO SANCHES

O melhor cinema do seu bairro
anuncia uma colossal programação
para o próximo ano e deseja ao
seu público e aos seus amigos

FESTAS FELIZES

CINEMA

RESTAURADORES

*Espectáculos todas as noites. Matinéas
às 2.^{as}, 5.^{as}, 6.^{as}, sábados, domingos e
feriados. Sempre sessões permanentes.*

Deseja ao seu público amigo

BOAS FESTAS

CINE TEATRO BARREIRENSE

BARREIRO

Que exhibe na margem esquerda do
Tejo todos os bons filmes, deseja
NATAL E ANO NOVO
muito felizes aos seus
ESPECTADORES

OLYMPIA

RUA DOS CONDES — Telefone 2 5309

O MAIS POPULAR
CINEMA DA CAPITAL
DESEJA

BOAS FESTAS
AOS SEUS FREQUENTADORES

CINE ORIENTE

AVENIDA GENERAL ROÇADAS

Exibe as melhores fitas aos
mais baratos preços e deseja

BOAS FESTAS
aos seus clientes e amigos

PORTUGAL

Tel. 51 124 — Travessa da Memória — BELÉM

O cinema que apresenta os melhores
programas, na parte ocidental da cida-
de, onde são exibidas todas as grandes
produções em espectáculos todas as
noites e matinées aos domingos e
feriados, deseja aos seus clientes

FESTAS FELIZES

MAX CINE

RUA BARÃO SABROSA — Telefone 4 6302

CINEMA QUE EXIBE TODAS
AS GRANDES FITAS DESEJA
AO SEU PÚBLICO UM

NATAL FELIZ E UM ANO NOVO
MUITO PRÓSPERO

PALATINO

RUA FILINTO ELISIO — Telefone 81 099

O maior cinema de reprises da parte
ocidental de Lisboa

PREÇOS POPULARES
ESPECTÁCULOS TODOS OS DIAS
Matinéas às 5.^{as}, Sábados e Domingos
O CINEMA DOS GRANDES EXITOS
Deseja Festas e Ano Novo muito felizes

STADIUM

O cinema do «Sport Algés e Dafundo»

A melhor casa de espectáculos da linha
de Cascais que só apresenta programas
seleccionados, em espectáculos às 4.^{as},
6.^{as} e domingos, deseja a todos os seus
freqüentadores

Natal Feliz e Ano Novo muito próspero

HÉLIO

O CHAPÉU QUE SE IMPÕE

CHAPELARIA HÉLIO
RUA DO CARMO, 93-95
L I S B O A

A SPAC recorda o que disse a crítica à cerca do filme "FEITIÇO DO IMPERIO"

... O mais perfeito e o mais belo filme português. «Feitiço do Império» é uma obra de nobre categoria artística e vulgar expressão cinematográfica.

... acompanhamento musical que merece aplausos entusiásticos, porque é primoroso.

«Diário da Manhã»

... É, de facto, um perfeito e belo filme saído dos nossos estúdios e as palmas que, no final, premiaram este trabalho envolviam as qualidades cinematográficas de toda a fita e a sua intenção bem marcadamente patriótica.

... É uma história, ora risonha, ora emocionante, que interessa, que desperta curiosidade.

... O espectador, que vibra, que se emociona, aqui e ali, ri, também, com a graça e o poder intenso de alguns episódios desenhados no feitio popular...

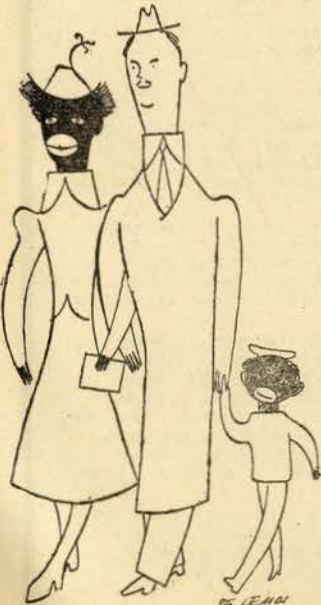
... «Feitiço do Império» acusa a marca americana, ou, se assim o quiserem, a marca do bom cinema. ... Que beleza, que encanto o de certas imagens que parecem conter todo o feitio tropical do nosso continente africano!

... «Ribeirinho», estupendo, numa figura de bom recorte cômico.

«O Século»

... algumas lindas coisas da nossa África — paisagens, costumes,

TÍTULOS ILUSTRADOS



«FEITIÇO DO IMPERIO»

caçadas. Deve também acrescentar-se que é, cinematograficamente, uma obra feliz e exacta, tecnicamente excelente e dentro da nossa produção merecedora pela sua qualidade de lugar muito excepcional. O realizador António Lopes Ribeiro, que em obras anteriores fixara já uma posição de muito relevo entre os cineastas portugueses e nos dera com «A Revolução de Maio» um excelente filme de propaganda nacional, rodeou-se de um excelente conjunto de colaboradores, entre os quais é justo citar os nomes de António Soares, que se encarregou das decorações e merece os entusiásticos aplausos que cabem também a Pedro de Freitas Branco, Wenceslau Pinto e Jaime Silva, Filho, na parte musical; engenheiro Brito Aranha, director de som; e Goldberger e Manuel Luiz Vieira pelo seu trabalho de fotografia muito agradável.

«Diário de Notícias»

António Lopes Ribeiro utilizou o argumento, valorizando-o com inteligência, com espírito desempeçoado, com boa graça, através duma acertada selecção da nossa África, da Guiné à Costa Oriental, da beleza natural, dos costumes indígenas, dos seus baillados e batuças, das caçadas...

Soube ainda António Lopes Ribeiro escolher os intérpretes do filme: Alves da Cunha, uma revelação como artista de cinema, sóbrio e com perfeita dicção; Estevão Amarante, que foi à África e ali estudou e compôs um bom tipo de colono, admirável de verdade; António Silva, sempre natural no seu processo cômico; Francisco Ribeiro, graciosíssimo num tipo lisboeta bem observado; Emília de Oliveira e Amélia Pereira, ambas dentro da sua categoria de excelentes actrizes; Alfredo Ruas, que descreveu bem a insurreição dos «papéis»...

Nos protagonistas, Luiz de Campos, sempre correcto, honesto na representação e arrojado a cavalo e na caça, e Isabela Tovar, uma menina da melhor sociedade de Luanda, desportista, familiarizada com a vida de África ao ar livre.

A fotografia de Isy Goldberger e de Manuel Luiz Vieira, é boa, com luz africana a jorros...

Decorações cénicas de bom gosto, de António Soares.

Wenceslau Pinto foi particularmente feliz no fundo musical que compôs para o filme, bem como Jaime Silva, Filho, num «slow-foz», e Pedro de Freitas Branco na direcção.

«Diário de Lisboa»

A parte cinematográfica — é a resultante natural do que já conhecemos de quem fez «Gado Bravo» e «A Revolução de Maio». Para isso António Lopes Ribeiro escolheu uma excelente equipa de colabora-

dores e um apreciável elenco de intérpretes.

«Repúblicas»

Obra de arte militante, e lição magistral, de virtudes heróicas, — o «Feitiço do Império» ultrapassa o domínio estético e impõe-se como inestimável serviço consagrado à Pátria e ao seu prolongamento no espaço e nas idades passadas e por vir.

«A Voz»

... António Soares foi felicíssimo nos «décors».

... É uma história, ora risonha, ora emocionante, que interessa e dentro da qual dificilmente se poderia «encaixar» melhor a referència a tudo o que representa esforço dos nossos colonos e ao amor que eles têm a essa terra onde construíram um novo lar e tornaram eternamente portuguesa.

... um filme de exaltação patriótica, indo ao encontro do gosto do público, que há-de emocionar-se, aqui, com as cenas da caçada ou rir, ali, com certos episódios desenhados no feitio cômico, que nunca tomam o aspecto de teatro de revista...

... Ribeirinho é o grande «achado» cômico do filme e Luiz de Campos, no galá, vai muito bem.

«Século Ilustrado»

... o nosso melhor realizador de cinema acaba de apresentar, com «Feitiço do Império», o primeiro filme português que dispensa os favores da crítica.

... Acima de tudo, porque produziu um espectáculo cinematográfico na verdadeira acepção das palavras, um filme que podia ser incluído na produção média dos países — que são dois: Estados Unidos e Inglaterra — onde se faz e se sabe fazer cinema.

«Primeiro de Maio»

Sem frases de retórica, sem propósitos aparentes de propaganda, o realizador vai direito à finalidade que se propôs: mostrar-nos a atracção inata, que magnetiza mesmo os espíritos indiferentes e os induz inconscientemente a quererem e a amar as coisas pátrias.

Técnicamente a película é excelente...

... Não é necessário apelar para o patriotismo do espectador para o induzir a ver este filme...

«Diário do Minho»

O argumento é interessante, a interpretação das melhores e algumas cenas são primorosíssimas.

Cinema do autêntico, interpretação admirável, digna das boas referências dos melhores críticos estrangeiros...

«Os Sports»

... O entreccho empolga. ... Há imagens que ficam para sempre na memória, que nunca mais esquecem.

«Jornal de Notícias»

Positivamente, o cinema português deu, agora mais do que nunca, o seu mais seguro, definitivo e dilatado passo...

... múltiplos, preciosos e notáveis são os aspectos de interesse deste fonofilme que, distraindo-nos admiravelmente, nos jala à nossa alma de lusitanos — e põe, ante os nossos olhos maravilhados, toda a beleza e grandeza da nossa África, que ali passa em imagens formidáveis...

«Comércio do Porto»



— O novo ano vai ser fértil em novas produções. Nos estúdios, a actividade é grande e há já as seguintes «fitas na forja»:

— **When will they marry?**, com Mary Paul e Oliver Martin. Realização de Aunt Germaine. Produção Castilho Street.

— **First Love**, com Mad De Sotto e Joe Amarus e outros artistas. Realização de Louis Palm-Eyrin. Produção Mayer's Park.

— **The Big Hunt of the Five Hundred Clowns**. Produção e realização de Anther Far. Distribuição (em escudos) da Aliança Filme.

— **Hortaliça's Beauty**. Produção de grande espectáculo realizada por Adolph Rabbit para a Figtree Market.

— **The Cabbage Catterpillar**, filme muito científico, também realizado por Adolph Rabbit para a mesma firma.

— **Three smart girls grows up**. Nova versão, com as três esperanças do cinema: Corinne Frère, Mary Bernard e Mary Emm. Produção da «Nally». Distribuição Aodomicílio.

— **The Discovery of Brazil**. Produção de grande alcance realizada por Sheank of Gracie. Protagonista: Beatrice Coast e grandes massas. Distribuição: E-o-Distribuis.

O HOMEM SOMBRA



Só um
Ciné-Kodak Oito
 os fará reviver
 logo... amanhã... sempre...



É o casamento de ontem, o baptizado de hoje, os vossos passeios, todas as cenas da vossa vida filmadas por vós próprios.

Os dias passam, vossos filhos crescem, mudam os amigos. Guarde, pois, vivas lembranças desses dias... relembre os gestos, as atitudes dos que vos são queridos.

Filmar com Ciné Kodak Oito é simples, prático, económico. Cada cena não custa mais do que uma vulgar fotografia. Decida já.

Peça uma demonstração sem compromisso.

CINÉ-KODAK

KODAK L. R. GARRETT, 53 LISBOA

8

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

FRED ASTAIRE e GINGER ROGERS «JUNTOS OUTRA VEZ». KANIN dirige

Fred Astaire e Ginger Rogers, desde que pela primeira vez apareceram juntos num «ecran», quando dançaram a envolvente carioca de «Voando para o Rio» — que correu mundo celebrando dois bailarinos notáveis com que o cinema passaria a ter que contar — não mais deixaram de ser alvo da admiração e do entusiasmo dos frequentadores do cinema. A sua carreira foi longa e triunfal. Os seus filmes eram esperados com extraordinário interesse.

Um dia porém, a companhia a que ambos pertenciam — a RKO — convenceu-se que havia conveniência em acabar com a associação famosa. E o «team» incomparável desfez-se.

Ginger Rogers abandonou os braços amigos de Fred para cair nos de James Stewart em «Casamento em Segrêdo», de Tim Holt em «Ra-

pariga da 5.ª Avenida», de David Niven em «Mãesinha à Força» e, recentemente, nos de Joel Mac Crea em «Sombras da Rua».

Fred Astaire por sua vez fez para a Metro Goldwyn Mayer «Parada Maravilhosa de 1940» ao lado da encantadora Eleanor Powell, para a Paramount «Second Chorus» com Paulette Goddard e há pouco terminou «Special Delivery» da Universal, com a nova vedeta de 11 anos, Gloria Jean, que Filmes Alcantara vão apresentar brevemente ao público português em «Traquina Querida».

Mas a verdade é que o público não esqueceu o par extraordinário, que o deliciou em tantos filmes. E como consequência imediata disso está o facto da RKO ir de novo juntá-los num mesmo filme, em que a música e a dança se encontram em primeiro plano. O

filme tem um título bastante significativo: **Together Again** (Juntos de Novo) e é dirigido por Garson Kanin, um nome que é uma segura garantia.

O novo filme de



JAMES CAGNEY

O filme que James Cagney, uma das mais curiosas figuras de actor do cinema americano, acaba de concluir para a Warner Bros, intitula-se **City for Conquest** e foi dirigido por Anatole Litvak.

Neste seu novo filme cuja acção decorre nos curiosos meios do box, com as suas rivalidades e as suas intrigas, tem Cagney por parceiros Ann Sheridan, a famosa «cough-girl», das mais belas raparigas com que conta o cinema do lado de lá do Atlântico; o espirotooso Frank Mac Hugh, indispensável elemento dos filmes da Warner; Anthony Quinn, que faz o «bad-man» do filme e o veterano Donald Crisp, cuja actuação no cinema é frequentemente dividida pela interpretação e pela direcção cinematográfica.

nete Mac Donald, Hugh Herbert, Anita Louise, Buster Keaton, Billy Gilbert, Tim Holt, Joan Carroll, Elsa Lanchester, a mulher de Laughton, Charles Winninger, Edgar Kennedy, Patric Knowles, James Ellison, o «cowboy» Ray Whitney, Signe Hasso, a nova descoberta suca, e Michèle Morgan, a simpática e insinuante francesinha que Lisboa bem conhece.

Além destes nomes a R. K. O. tem ainda contratados para aparecerem em alguns filmes, e cedidos por outras companhias, Charles Boyer, Jean Arthur e Robert Montgomery.

Garson Kanin, George Abbot, David Butler, Norman MacLeod, Sam Wood, Herbert Wilcox, Alfred Hitchcock, Edward Cline, John Farrow, o marido de Maureen O'Sullivan, Lewis Milestone, Leslie Goodwins, Irving Reis, um nome português, Anatole Litvak, William Hawks, são os realizadores dos filmes de R. K. O. Radio.

E' esta empresa, também, quem distribui toda a produção de Walt Disney.

FRITZ LANG americaniza-se de vez: vai dirigir um «Western»

Fritz Lang foi para os Estados Unidos pouco tempo depois da realização do seu discutido «Liliom», tão cheio de belas e inteligentes coisas, e ali dirigiu «Fúria» e «Só vivemos uma vez», dois filmes dignos do nome que assinou obras como «Matou» e o «O Testamento do Dr. Mabuse», e nos quais facilmente se reconhecia o estilo europeu do seu realizador.

No entanto Fritz Lang parece estar agora, sob o ponto de vista cinematográfico, bem entendido, completamente americanizado, como o demonstra francamente o seu mais recente filme, «O Regresso de Frank James».

E essa mudança radical nos seus processos é tal que a Fox lhe confiou a realização dum outro filme de carácter tipicamente americano, cuja acção decorre em pleno Oeste, e nos traça as aventuras e o esforço dispendido pelos pioneiros que tracam e construíram o caminho de ferro que viria a servir aquelas inhóspitas regiões.

O filme intitula-se «Western Union», feito segundo um argumento de Zane Grey, o escritor americano que se especializou nas histórias do Oeste, e é interpretado por Robert Young, Randolph Scott, Dean Jagger, Brenda Joyce, Laird Regger, John Carradine, Slim Summerville, Minor Watson e Chill Willis.

FITAS NA FORJA

- **She Couldn't Say No**, com Roger Prior, Eve Arden, Cliff Edwards, Clem Bevans, Vera Lewis, Irving Bacon e Spencer Charters. Dirigido por William Clemans. Warner Bros. (S. I. F.).
- **Wild Man of Borneo**, com Frank Morgan, Billie Burke, Donald Meek, June Preisser, Marjorie Main, Mary Howard, Dan Dally Jr., Walter Catlett. Realização de Robert Sinclair. Metro Goldwyn Mayer.
- **Reaching for the Sun**, com Joel Mac Crea, Ellen Drew, Eddie Bracken, Albert Dekker, Charles Coburn e Billy Gilbert. Direcção de William A. Wellman. Paramount.
- **The Invisible Woman**, com John Barrymore, John Howard, Virginia Bruce, Charles Ruggles, Oscar Homolka, Mary Gordon, Charles Lane, Anne Nagel, Kathryn Adams, Maria Montez, Kay Leslie. Realização de A. Edward Sutherland. Universal. (Filmes Alcantara).
- **Under Texas Stars**, com Tex Ritter, Virginia Carpenter, Slim Andrews, Stanford Jolley, Jack Ruthford, Cal Shrum e os seus Rhyth Rangers. Dirigi'da por Al Herman Monogram. (Filmes Luiz Machado).

Wallace Beery em «The Bad Man»

Wallace Beery, ausente há algum tempo das telas portuguesas, mas de quem esta época deverão ser apresentados «O Tiro de 20 Mulas» e «O Homem de Dakotas», está agora interpretando para a Metro Goldwyn Mayer um novo filme que se intitula **Bad Man of Wyoming**. Nele viverá a figura dum bandido cujo quadrilha espalha o terror no estado de Wyoming.

Deste filme foi feita já há cerca de dezasseis anos para a First National uma primeira versão com o actor do teatro Holbrook Blynn na personagem que Wallace Beery desta vez encarna.

HENRY FONDA contracena com BARBARA STANWICK

Henry Fonda, o extraordinário actor americano que o cinema roubou definitivamente ao teatro e que há poucas semanas vimos no filme «O Regresso de Frank James», em que vivia magistralmente a figura vingadora do irmão de Jesse James, está agora interpretando um novo filme para a Paramount.

Intitula-se «The Lady Eve» e o seu lado aparece Barbara Stanwick, a bellissima esposa de Robert Taylor.

Nesse filme, que Preston Sturges está dirigindo, aparecem ainda Charles Coburn, Eugene Pallette, William Demarest, Eric Blore, Robert Greig, Martha O'Driscoll e Janet Beecher.

O elenco da R. K. O. 1941

Depois da Warner Bros. e da Paramount, satisfazemos hoje a curiosidade dos nossos leitores relativamente aos elementos que compõem o elenco da R. K. O. — Radio Films, tanto pelo que se refere aos seus artistas, como aos seus realizadores.

Nos estúdios de R. K. O., a companhia mais nova de cinema americano, subsidiária desse potentado famoso que é a Radio Corporation of America, trabalham os seguintes artistas que com ela mantêm contratos exclusivos:

Carol Lombard, Charles Laughton, William Gargan, Frank Fay, Lucille Ball, Ann Miller, Richard Carlson, Jack Oakey, Frances Lan-

gford, Kay Francis, Dezi Arnaz e Dennis Morgan, dois novos galãs, Anna Neagle, Ginger Rogers, George Bancroft, Cary Grant, Orson Wells, o homem que se tornou famoso com a sua rádio-reportagem sobre a invasão das Américas pelos habitantes do planeta Marte, e que é ao mesmo tempo um dos realizadores do quadro daquela empresa, Ernest Cossart, Eduardo Cianelli, Harold Lloyd, Kay Kaiser, célebre chefe de orquestra de jazz, Anne Shirley, Richard Dix, Edmund Lowe, Wendy Barrie, Kent Taylor, Lupe Velez, Leon Erroll, Ronald Colman, Jean Hersholt, Maureen O'Hara, Alan Mowbray, Gene Raymond, o platinado esposo de Je-

O criador do CAPITÃO BLOOD
e da CARGA DA BRIGADA LIGEIRA

ERROL FLYNN

o triunfador máximo das AVENTU-
RAS DE ROBIN DOS BOSQUES
agora em exibição no Politeama

ERROL FLYNN

o galã da energia e da destreza
que a crítica diz ter ultrapassado a
criação do próprio

DOUGLAS FAIRBANKS

vaí revelar mais uma faceta do seu talento
em

“O HOMEM PERFEITO,”

a mais original e divertida das comédias

com **ERROL FLYNN**

JOAN BLONDEL e MAE ROBSON

e que vaí ser apresentada pela

S. I. F.

(SOCIEDADE IMPORTADORA DE FILMES)

a firma que representa a célebre “WARNER BROS”

A FEIRA DAS FITAS

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES»

(The adventures of Robin Hood)

Se há livros que valem pela encenação, também há folhetins que se impõem pela apresentação. É o caso das «Aventuras de Robin dos Bosques», folhetim de aventuras, impresso a cores em papel couchés, muito bonito, muito luxuoso, muito bem realizado — mas inverosímil, ingénuo e falso, como deve ser um bom e apaixonante folhetim de aventuras...

Lembro-me que um cronista inglês, Artur Vesselo, salvo erro, disse em tempos que o cinema realizava sob certos aspectos uma obra de deturpação da verdade histórica com a romantização do banditismo ou a deformação moral de certas figuras para melhor êxito das bilheterias. E dava alguns exemplos, como o caso de Joan Lafitte e a figura de Andrew Jackson, acrescentando que se devia pôr um freio para evitar a divulgação de falsas noções e de erros grosseiros no julgamento dos homens ou dos factos de determinadas épocas. Numa palavra, o cronista queria que a imaginação dos argumentistas tivesse como limite a verdade histórica.

Pela parte que me toca, não sou tão rigorista. Das duas, uma. Ou o filme é obra séria e se apresenta como crónica fiel de factos e personagens, sem auxílio da imaginação — ou não passa de simples espectáculo de diversão, película de aventuras, bordada em torno de lendas que as tradições escritas e orais, conservam, prolongam e desenvolvem através dos tempos. Neste último caso, a imaginação até é aconselhável e quanto mais a sôita melhor.

A existência de sir Robin de Locksley é um mito, como a de Fra Diavolo ou de Dick Turpin. Todas as liberdades podem, pois, ser tomadas com respeito a essa personagem lendária. Que importa, portanto, a verdade histórica quando «As aventuras de Robin dos Bosques» se nos apresentam, apenas, como uma fantasia romântica, em cores, sobre uma fase da história da Inglaterra? É uma história bonita que tem o sabor das epopeias, lição de entusiasmo que exalta o heroísmo e glorifica o amor. É um espectáculo grandioso, deslumbrante, cheio de passagens fortes, e dirigido num andamento rápido, apaixonante (Michael Kurtz é um mestre formidável), que não cansa um momento sequer. Tem cenas espantosamente bem realizadas, como a do duelo à espada, no final, e tudo o resto está tão bem feito e é tão agradável à vista que a gente não tem tempo de pensar — porque logo se emociona nas primeiras imagens, Olívia de Havilland, por exemplo, passava o seu rosto encantador entre quadros de admirável tecnicolorido (e resistem ao confronto mais exigente com outras obras muito mais recentes!) e veste lindas indumentárias de caprichoso colorido que parecem ter sido concebidas para pôr à prova a habilidade e a competência de Nathalie Kalmus, a directora das filmagens a cores.

Em todo o filme, o dinamismo e a simpatia de Errol Flynn conquistam o público, dando à figura do famoso bandoleiro criação incomparavelmente melhor à composição um pouco caricatural e desagastada de Douglas Fairbanks nos velhos tempos do cinema silencioso. O simpático actor (que muito antes de entrar para o cinema levou vida agitada de aventureiro) incarna admiravelmente a figura de Robin dos Bosques, sir Robin de Locksley, fiel a Ricardo Coração de

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATOGRAFIC» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» (S. I. F.).

— O colorido de NATHALIE KALMUS.

— A animação e a intensidade da encenação de MICHAEL CURTIZ.

— A criação de ERROL FLYNN (Robin dos Bosques), em nada inferior, à de Douglas Fairbanks na versão muda de «Robin Hood», e até menos convencional e artificiosa.

— A figuração, pela forma como põe à prova as suas admiráveis qualidades desportivas e equestres.

«EXPIAÇÃO SEM CRIME» (M. G. M.).

— A encenação vigorosa e cuidada de H. C. POTTER.

— A interpretação de EDWARD G. ROBINSON (John Harrington) e GENE LOCKHART (Ramey).

— Os bons momentos da fotografia de CLYDE DE VINNA.

«PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA» (Filmes Alcântara).

— A forma como BRUCE MANNING e LIONEL HAUSER modernizaram a história da «Gata Borralheira».

— A delicadeza, a frescura e o movimento da encenação de HENRY KOSTER.

— A seqüência do baile e, em particular, a escolha de motociclistas e a desapareição dos pares que rodeiam Connie e o jovem Drake.

— A conservação, ao sexto filme duma série exaustiva, de todas as qualidades que fizeram o êxito do primeiro, por DEANNA DURBIN (Connie Harding), HENRY KOSTER (o encenador) e JOE PASTERNAK (o produtor).

— A mocidade autêntica de ROBERT SPACK (Ted Drake) e de HELEN PARRISH (Barbara Clinton).

«UM NOIVO PARA TRES» (Paramount).

— A beleza de MADELEINE CARROLL, a graça da pequena actriz que faz de sua filha adoptiva e o «ar» desprendido e simultaneamente enérgico que FRED MAC MURRAY imprime à sua personagem.

Leão, inimigo resoluto e atrevido do príncipe João, mais tarde rei e celebrado João-Sem-Terra.

Falámos, acima, em verdadeira história. Sempre queremos dizer a propósito que uma das personagens mais atraídas foi a do rei Ricardo, de quem sempre se disse que fora mau filho, mau irmão, mau marido e mau rei. Pois o filme dá-nos o retrato de um rei justo e bom, quando na verdade era violento, despótico, insolente e cruel, digno irmão do seu sucessor. É a história que nos diz que, se eram pesadas as contribuições, destinadas ao resgate do rei prisioneiro e que o príncipe João queria apossar-se do trono, sendo nisto impedido pelo povo, a verdade é que o primeiro acto de Ricardo, ao tomar de novo a direcção do reino, foi decretar novos e pesados tributos, correspondendo desse modo, ingratamente, à lealdade ingénuo dos seus súditos.

O êxito é dos maiores e melhores que temos visto. Claude Rains, pequeno de estatura, mas sempre grande no relevo que imprime ao papel do príncipe João a cujo lado vivem dois antipáticos intrigantes na pessoa de Basil Rathbone (sir Guy de Gisbourne) e de Melville Cooper (sheriffs de Nottingham). Ian Hunter é o rei que mais convinha ao selmas da película em que surgem, ainda, Una O'Connor, Alan Hale, Eugene Pallette, Herbert Mundin, Patrick Knowles, além de outras figuras secundárias — decerto, muitos scow-boys

que emprestam ao filme notável curso como já haviam valorizado, por exemplo, «A carga da Brigada Liegeira»... A. F.

«EXPIAÇÃO SEM CRIME»

(Blackmail)

Estavamos a ver este filme e a lembrar-mo-nos do «Eu sou um evadido», exibido na mesma tela há seis anos. E essa recordação patenteou-nos duma forma flagrante a grande melhoria da produção cinematográfica, nos últimos tempos. Explicamo-nos:

I am a fugitive from a chain gang — primeira grande realização de Mervin Le Roy, o actual produtor da M. G. M. — era a adaptação cinematográfica do livro do mesmo nome, libelo auto-biográfico do ar. Robert E. Burns contra certas anomalias da justiça americana e contra as abracadabrantes penitenciárias de alguns Estados da União — da Geórgia, no caso concreto — anomalias e penitenciárias de que fora vítima inocente. Conseguida a sua reabilitação, esse pobre sr. Burns, que vive actualmente em alguns nos Estados Unidos, quiz que o seu triste caso tivesse ao menos um fim útil — e escreveu o panfleto revelador. O êxito e a indignação foram tais que depressa a Warner fez um filme desse caso autêntico — um filme que illustrou dois nomes: o de Le Roy, e o de Muriel, que interpretava o protagonista,

A avaliar por *Blackmail*, o mesmo mal continua, pois o seu tema é absolutamente idêntico, em especial no tocante ao presídio, de que este filme nos dá imagens inteiramente semelhantes às do «Eu sou um evadido».

O que escrevemos acima sobre a impressão de melhoria da produção cinematográfica provocada pela comparação dos dois filmes, não significa que consideremos «Expição sem crimes» superior ao *I am a fugitive*, que era uma obra de mais vastas proporções e ainda mais terrivelmente impressionante. Queríamos apenas fazer notar o seguinte: em 1934, um filme como o «Eu sou um evadido» era considerado, e muito justamente, aliás, uma obra excepcional: em 1940, um filme idêntico, com qualidades semelhantes e de nível quasi equivalente, é considerado uma obra corrente. A conclusão só pode ser a que nós ditámos.

Debaixo de todos os pontos de vista «Expição sem crimes» é uma película cheia de valor — o que atrás ficou dito deixava-o já a entender, aliás. Merecem destacar-se no entanto a encenação acertada e vigorosa de H. C. Potter e o carácter de veracidade de certas cenas (os incêndios nos poços de petróleo, os episódios no presídio, etc.); a interpretação de Edward G. Robinson e de Gene Lockhart (que compõe um novo tipo de poltrão sem escrúpulos, tão bom ou melhor do que aquele em que se fez notar no «O fugitivo desceu à cidade»); e a fotografia de Clyde de Vinna, mestre de exteriores que também sabe iluminar um interior. O principal papel feminino foi entregue à linda Ruth Hussey; a forma como o desempenho deve ter contribuído para a sua rápida ascensão no céu de Hollywood. O pequeno Bobb Watson, que admirámos no «Homens de Amanhã, volta a dar nas vistas e a enterrecer os corações».

Excelentes os dois complementos: «A Força do Destino», comédia musical, e um *short* realizado por Jacques Tourneur, da série «O que pensam os senhores?». — D. M.

«PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA»

(First Love)

Caso pasmoso, este de Deanna Durbin, entre os mais pasmosos do cinema! Decididamente, aquela menina (e nunca a doce palavra portuguesa emenina teve mais justa aplicação) nasceu num fole! Quantas se gabam de ter o seu talento, precoce sem quízzila? Quantas se gabam de possuir voz tão limpa, temperamento tão musical? E quantas se gabam — esta é que é a sorte das sortes! — de ver esse talento, e essa voz, e todo o seu tesouro de juventude, aproveitado em cheio em cada filme duma série que já vai (para contar somente os filmes já apresentados entre nós) no sexto escalão?

Esta é, quanto a nós a grande glória de Deanna, e de Henry Koster, e de Joe Pasternak, e da Universal. Porque, para aqueles para quem o cinema é alguma coisa mais que summa cadeira entre a mesa e a cama (servindo-me do espirituosíssimo aforismo de Garcia Vilofas), o êxito permanente de Deanna não pode dissociar-se do seu realizador, do seu produtor e da firma que teve a mão bastante feliz para os reunir a todos, numa espécie de sociedade de responsabilidade ilimitada que, em quatro anos de exploração sistemática, nunca esteve tão próspera nem tão famosa.

Esse raríssimo exemplo de seriação inteligente, em que as necessidades comerciais não brigam com os deveres artísticos, merece excepcional relevo. Muitas outras revelações já

TÍTULOS ILUSTRADOS



«EXPIAÇÃO SEM CRIME»

cinematografia têm sido vilmente sacrificadas ao critério mesquinho do julgar que basta um só elemento, popularizado por um êxito bombástico e quantas vezes imprevisível, para garantir a vitória de toda uma série de filmes decalcados uns nos outros. O clássico exemplo do pobre Jackie Coogan, lançados pelo «Garoto de Charlott», deveria ter servido de lição aos produtores e ao público. Mas isso sim!... Não houve, depois d'êla, menina catxita, casal bailarino, família Pipocas, par invisível, matrimônio detectivesco, polícia chiques ou médico lúcido, que não proliferasse em recidivas cada vez piores (por serem cada vez mais descuidadas), a pontada de injectar no espectador mundial um dossojeto interminável pelas estereotipias d'êsse Jaz.

O torcedor Pasternak-Koster-Deanna associado a um outro nome que convém não esquecer e que é o do cenarista Bruce Manning, realiza o milagre de se renovar em cada nova produção de seu fabrico, sem alienar nenhum dos elementos de êxito que asseguraram os triunfos anteriores. E faz mais: adapta-se prodigiosamente ao crescimento da protagonista, celebrizada na idade mais ingrata, para qualquer mulher e, muito principalmente, para uma atriz. Em vez de a fazerem contracenar, como a outras, com matulões e com velhadas, de a vestirem curto e de a calcarem raso, para tentar camuflar tão cavilosa como inútilmente o rolar implacável da idade preferem adaptar os argumentos dos seus filmes, aceitando a evolução natural dum corpo e dum espírito. Chegaram mesmo ao ponto de afrontar a própria opinião pública americana, que verberou, num plebiscito impressionante, a ideia de calar dois lábios de homem aos lábios virgínicos da menina intangível, e ofereceram ao mundo, atrevidamente, êste «Primeiro Amor» que acabamos de ver.

Com que gentil gaihardia, com que fina sensibilidade o fizeram podem avaliar-lo todos os que virem o filme, que corre agora em Lisboa entre mercedíssimos aplausos, que pressagiam uma carreira muito brilhante.

Bruce Manning, de colaboração com Lionel Hauser, conseguiu actualizar,

sem esforço aparente, nem sombre de ridículo, a historietta velha e reinha da «Gata Borracheira». E levaram-na até requintes de paralelismo virtuosamente impossíveis de manter como os portmênades do coche puxado a três parrelhas (agora substituído por uma escola de seis policiaes em motocicleta) e do chasim perdido à saída do baile na hora fatídica da meia-noite, conservados na versão 1940 tão naturalmente como no texto seiscentista de Perrault.

Todo o filme é animado por aquêie movimento cinematográfico, aquêie «tempo vertiginoso» (mas nunca precipitado, nem contuso), que distingue tôdas as realizações de Henry Koster. O sr. Hermann Kosterlitz que assim se chamava, nos tempos obscuros da UFA, não perdeu nada com a travessia do Atlântico, não senhor. E as canções obrigatórias, além da voz celestial de Deanna as tornar sempre benvidas, continuam a ocorrer tão oportuna e tão facilmente, que até dá gosto ouvi-las numa comédia que contém todos os requisitos de interesse e de graça para as dispensar.

Deanna Durbin — nem vale a pena comentá-la. O seu nome basta-se a si próprio, e está acima dos adjectivos com que poderíamos sobrecarregá-lo. O príncipe encantador a quem coube a honra invejável de a beijar pela primeira vez, Robert Spack, tem a surpreendente qualidade de ser jovem de verdade, sem ser intragável, muito pelo contrário. (Dizemos isto porque só conhecemos galãs apresentáveis dos trinta e cinco anos para cima). Helen Parrish consegue não desaparecer ao lado de Deanna, antes impôr-se no seu papel com muita personalidade e sem sacrificar modicidade ou beleza em holocausto à primeira donna. Eugene Paulte, sempre excelente, num papel muito bem escolhido o golpe de estado familiar tem qualquer coisa de épico, e põe a sala em transe de hilaridade irresistível. Leatrice Joy, ainda bonita demais para uma personagem à maneira das que celebrizou a falecida Alice Brady defende-se ou, antes, ataca-se o melhor que pode... E todos os mais (Lewis Howard, no pregueçoso, Kathleen Howard, na professora, Frank Jenks, no policia, Charles Coleman, no criado grave, etc.), contribuem para uma afinação de desempenho comparável à afinação da voz de

Deanna, que canta Strass, Puccini, a «Amapola» e «Home, sweet home».

Uma chamada especial, para o Quadro de Honra, à ideia estúpida de fazer desaparecer os pares que rodejiam, no baile, o parzinho enamorado, para significar o alheamento de ambos a tudo o que os rodeava, artifício que se prolongou corajosamente e com o melhor êxito.

Mas queira-vos parecer que, na sala, havia quem perguntasse:

— Para onde teriam ido os outros convidados?...

Se é que não atribuíram o fenómeno a deficiência de realização. — A. L. R.

«UM NOIVO PARA TRÊS NOIVAS»

(Honeymoon in Bali.)

A produção anual de centenas de fitas ensinou os americanos a trabalhar com extraordinário «a vontade» dentro de cada um dos gêneros mais típicos dos muitos que criaram. Com uma facilidade impressionante agarraram em dois ou três bons intérpretes, um grupo técnico que sabe o que faz, constroem um argumento à base de qualquer ideia singela, mesmo que seja já muito vista, valorizam algumas cenas com egags ou com diálogos espirituosos, espalham pela acção alguns tipos e situações dos que todos os espectadores de cinema conhecem — e filmam. No fim sai uma fita daquelas que se diz que divertem, das que fazem passar hora e meia sem preocupações o que, evidentemente já é alguma coisa mas, feitas bem as contas, é ainda pouco. Especialmente na comédia os estúdios americanos fazem isto com perfeição. Como o género é o que goza de maiores simpatias tem sido o mais explorado. Consequentemente é, também, aquêie em que a falta de assuntos mais se faz sentir, porque há maior gasto, e aquêie em que trabalham com mais facilidade, porque há maior prática. E, embora isto pareça paradoxal, daqui resulta que é na comédia que os estúdios americanos produzem as banalidades mais bem feitas.

«Um Noivo para Três Noivas» é, nem mais nem menos, uma banalidade bem feita. Cinco actores experimentados, um diálogo com passagens felizes, e algumas cenas construídas sobre situações inverosímeis sustentam o interesse da acção. Os actores são: Madeleine Carrol, Helen Broderick, Fred Mac Murray, Akim Tamiroff e Alan Jones. Tamiroff no desempenho duma pequena rábula prova mais uma vez, ser actor capaz de trabalhar com igual vigor e personalidade em todos os gêneros. Fred Mac Murray numa personagem mixto de indolência, calma e energia dá muito boa conta de si embora sem nada aumentar ou diminuir ao que já sabemos d'êle, o que, aliás, acontece aos outros intérpretes, excepto a Madeleine Carrol de quem devemos dizer que está cada vez mais formosa. Merece reparo a pequenina actriz que representa a filha adoptiva do «Espaz de Bali», graciosa e desembaraçada a falar embora ainda um tanto comprometida quando olha.

Vê-se a fita com agrado mas não se pensa mais nela e as fitas em que não se pensa mais têm falta de qualquer coisa. — F. G.

TÍTULOS ILUSTRADOS



«Primeiro amor de Gata Borracheira»

É DIFÍCIL ENCONTRAR UM BRINDE CINÉFILO?

— NÃO!

O MELHOR BRINDE É UMA ASSINATURA DO

Animatógrafo

CARTAS DUM CINÉFILO

Abalizado director.

Desculpe hoje não lhe mandar dizer nada mas, o meu pai, que continua a não querer que eu siga a carreira do cinema, escondiu-me a camera e o tinteiro.

Seu mais
cinéfilo até à morte e contra a
vontade de meu pai

Ignácio da Purificação

P. S. Tenho estado a pensar títulos para a fita «Mr. Smith goes to Washington para ver se ganha na os quinhentos palhaços. Tenho alguns que não me parecem máis, no entanto queria saber a sua opinião, «O sr. Smith parece que é parvo», que tal? Ou então: «O sr. Smith não vai na conversa», ou ainda: «O sr. Smith não é tão tolo como parece». Além d'êstes tenho ainda mais outro título que julgo ser o melhor, tanto mais que a fita é americana.

O título é «Pão Vassos, mas tenho medo que o público faça confusão e não vá ninguém ver a fita.

Quero dizer que não fazer mais filmes portugueses. O senhor e o sr. Leitão de Barros estão já a preparar os argumentos e os elencos. Por favor veja se me dá um papel. Olhe que eu tenho muito jeito para galã e já estou a deixar crescer o cabelo por cima das orelhas como o sr. Villar. Quando a moda nos galãs portugueses eram as patilhas também as deixei crescer mas ninguém me contratou. Fale também em mim ao sr. Artur Duarte, para ver se êle me dá um papel no «Amor Perfeito», que se for preciso eu até emagrecei para ficar em condições de contracenar com a menina Tereza Casal. Se não me quiserem aproveitar para galã dêem-me outra aplicação qualquer. Se eu um dia sair do meu país e for para o Brasil e conseguir lá ser alguma coisa, depois não se queixem e não digam que emigram os autênticos valores do cinema português, como já andam a dizer isso do sr. Fernando Barros.

O sr. Brum do Canto que também vai fazer os «Lobos da Serras», é que talvez me pudesse aproveitar. Estou convencido que êste senhor vai fazer uma fita interessante, mas estou danado por saber o que é que êle desta vez vai tirar do ar. Se êle quizesse eu dava-lhe uma ideia interessante para um número musical. Era pôr a Maria Domingos pela serra acima, às voltas e a cantar. Quando chegasse ao alto da serra ela caía e acabava a canção. Convém que seja a subir a serra e não a descer para não se parecer com um número que ela fazia no «João Ratões».

Ainda tenho outra grande ideia para oferecer ao cinema português, mas só a dou a si, para o senhor a realizar. É a seguinte: O cinema americano já apresentou duas famílias: a Família Hardy e a Família Blondie. Pois o cinema português devia apresentar a Família Purificação. Somos cinco pessoas com o gato: o meu pai Salustiano, a minha mãe Genoveva, eu e a minha irmã Bernardina, que toda a gente diz que se não fôsse um bocadinho zarolha tinha uma voz mais bonita que a de Deanna Durbin.

I. da P.

P. S. ao P. S. Como vê escrevi a carta a lápis. Ainda desta vez vemel o meu pai.

I. da P.

O Corriero de Bel-Tenebroso

BOB TAYLOR. — Pelo que me dizem Animatógrafo continua a entusiasmar-te. — Com que então Mulheres satisfaz-te plenamente? Suelli! É inegavelmente um belo filme. — Norma é de facto uma das mais belas e conscienciosas vedetas da tela. Era admirável em Maria Antonieta. E em Women tem uma criação magnífica. — Transmto as tuas saudações a Maria do Rosário, Farmacêças Ltd., Saúde, Donald e Nimon.

UMA GAIATA CINÉFILA. — Apretei muito a tua carta tão amável e tão simpática. Como poderia eu responder a todas as cartas que ficaram sem resposta, à data da suspensão do Cine? Tem paciência, pois. E se te lembrares de algumas perguntas que te interessam fica certa de que te responderei. Mas que essas perguntas não versem sobre a minha pessoa. A modestia impede-me de dizer se sou bonito ou feio, alto ou baixo, loiro ou moreno, e isso, de resto, não tem importância alguma para a completa elucidação cinematográfica das minhas leitoras! Não é verdade? — De facto, se tens 20 anos felto o pseudónimo não está muito a caracter. — O que não quero dizer que passes a adoptar o de «Vinte anos cinéfilos». Não te será difícil encontrar um pseudónimo que te satisfaça. — Esta simpática leitora agradece e retribui ao Conde Axel de Fersen da Suécia os seus cumprimentos.

BRUNNHILDE. — «Se conheço a sua letra, pergunta-me V. com adável modestia. Mas acha que eu poderia esquecê-la?! — Já tive a alegria de receber notícias de sua irmã. Eu estava certo de que ela não del-

Na impossibilidade manifesta de poder, amanhã, descer pelas chaminés e pôr em todos os sapatos das minhas leitoras e dos meus leitores, uma carta pessoal de Bel-Tenebroso, a desejar-lhes um Natal alegre e muito feliz — aqui vai um grande abraço colectivo a realizar em mente, esse meu desejo.

xaria passar em claro a aparição de Animatógrafo e a reaparição de «Bel-Tenebroso» — e vejo que afinal me não enganei! — Ainda bem que a revista lhe agrade. Diga-me cá: V. está em férias ou deixou o exílio? Como vê, até me lembro de que V. costumava, nesta altura, concentrar-se num colégio... — Espero novas cartas suas. E o segredo da sua personalidade, como vê, continua a ser inviolável.

O REI DOS OPTIMISTAS. — Seja bem aparecido, amigo. — A sua carta é muito simpática e tomei a liberdade de a transmitir ao Director de Animatógrafo, porque vale por um magnífico elogio e por um poderoso incentivo. — Preferi o primeiro pseudónimo, porque o optimismo é muito da minha simpatia, sobretudo nos tempos que vão correndo, em que, como a manteiga, começa a faltar. Não o asfixiemos, pois, atirando-o para o cesto das coisas inúteis. E se tu és o Rei do Optimismo, espero que entres para esta secção tenebrosa, como um raio de sol... e de alegria.

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA. — Deves estar confundido:

com o filme *Meu Marido Investiga*, que é da Metro, não poderia ser exibido um desecho da Betty Boop, que é vedeta da Paramount. Essa tua cabeça, de facto, está a necessitar dos parafusos ajustados...

PINOCCHIO MORENO. — Muito grato, pelos teus cumprimentos. — Nossa Senhora de Paris foi realizado por William Dieterle: *A Pousada de Jamaica*, por Alfred Hitchcock. O protagonista é que foi o mesmo, nos dois filmes: Charles Laughton. — Transmto a Rajtes e Dexam-lhe uma Espingarda as tuas saudações amigas.

SAUDADE. — Olá, «Gosto Amargo de Infelizes! Não te zangues, com o começo desta resposta... Mas conheces a definição da complexa e portuguesa palavra «Saudades»: «Gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinhos. Isto disse alguém que nunca sonhou que *Saudade* seria um dia a mais gentil e a mais simpática das raparigas! — Virginia Weidier, a garota de *Mulheres* já apareceu noutros filmes, como por exemplo *Andy Hardy apaixonou-se*, aquele filme da simpática família americana, que no-los mostra passando umas

férias no Oeste. Virginia Weidier poderá não ser (e não é, de facto) das mais bonitas garotas do cinema americano, mas a verdade é que tem talento às carradas... Se eu tivesse metade do talento dela, a estas horas, em lugar de vos estar a escrever, estava aos beijos a Dorothy Lamour ou a Crawford, se se desse o caso, impossível, da Garbo me não exigir para parecer... — Quem disse que os homens têm a mania de que nada pode fazer-se sem eles?... De resto, deixa-me dizer-te que o teu exemplo me não deixou fulminado. *Mulheres* foi um filme feito por homens, à base dos homens também, embora só representado por mulheres. Agora, não nos responsabilises por aquela intrigalhada da manieiras no aludido filme. Eu bem sei, que se não houvesse o fogo, a Chrystal não sopraria o fumo. Mas a verdade é que foi ela quem deitou as achas para a fogueira...

I AM CHARLES BOYER. — A época promete-nos excelentes filmes. Sem a pretensão de te dar uma lista completa, toma nota de alguns que ficariam na memória dos espectadores, sem me referir, claro, aos já exibidos: *Tom Edison, o pequeno génio*, *Mr. Smith Goes to Washington* (a propósito: não te habitas aos 500000 de «Alianças»?) *Rebecca*, *Robin dos Bosques*, *A Passagem do Noroeste*, *O Ladrão de Bagdad*, etc., etc. Não julgues que esta lista é completa ou definitiva. A época vai revelar-nos muitas surpresas. — Podes escrever aos artistas americanos, com probabilidade de resposta. Escreve ao Robert Taylor, Mickey Rooney e Lana

O QUE QUERE CANTAR...

MY OWN

do filme «IDADE DAS ILUSÕES»

*Thru the years constantly
I've had one ideal
And I've been pretending
It would soon be real
Now that you're close to me*

*I can plainly see
You're my happy ending my reality.*

*My Own let me call you my own
Let me make you a part of the song in my heart
Alone I'm just living in vain*

*Ev'ry thing that I do is depending on you
Show me a sign of your longing for me
Say you are mine and forever that you will be*

*My Own
Ev'ry dream I have known
Has been built of but on desire
Just to call you My Own.*

VOUS SEUL
(Versão francesa de «My own»)

*Les serments Des amants Bien d'autres déjà
Les ont, pleins d'ivresse, Murmurés tout bas.
Leurs vœux Malheureux Laissent mon coeur froid;
Toutes leurs promesses N'ont d'attrait pour moi...*

*Vous seul savez prendre mon coeur
Avec tant de douceur
Qu'il croit au vrai bonheur
Vous seul savez lire en mes yeux
Mes secrets et mes vœux,
Mes désirs mes vœux.*

*Votre baiser lui seul sait me griser
Et c'est pourquoi je ne sais rien vous refuser
Vous seul, vous aurez en retour
Et cela nuit et jour, toujours
Mon plus fervent amour!*

*Dans le temps, tristement, je trainais lassé
De ses aventures Mon amour blessé
Aujourd'hui C'est fini Les tourments passés,
Les serments parjures, tout s'est effacé...*

Refrain

Vous seul... etc.

E PARA OUVIR EM CASA, CANTADAS PELOS CRIADORES TODAS AS CANÇÕES DOS FILMES, BASTA ESCOLHER NOS

ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO

OS DISCOS DAS MELHORES MARCAS ONDE SE GRAVARAM AS VOZES MAIS CÉLEBRES DO CINEMA
ULTIMAS NOVIDADES



O COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL DO CINEMA DE AMADORES:
Um aparelho de gravar discos!

O mesmo aparelho grava e reproduz, com espantosas facilidade e fidelidade, a voz humana, música, todos os ruídos, enfim: TUDO o que é preciso para transformar um filme MUDO num autêntico FILME SONORO!

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova do Almada, 97-99 — LISBOA — Tel. 2 1051

O Corriero do Bel Tenebroso

Terner para a Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia; Dorothy Lamour, Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Títulos originaes dos filmes a que te referes: *Mad about music* (Doida por música) *Wuthering Heights* (O monte dos vendavais). — Transmiso as tuas saudações a Anjo no Inferno, *Deram-he uma espingarda*, Luiz XV, *Donalda e Saúde*.

PINNOCCCHIA. — Dizes-me então que és uma ex-correspondente, sa quem eu nunca respondi. Não creio, que seja assim. Podia já deixar de atender uma leitora tão simpática! — Obrigado pelas boas palavras que me dedicas e que muito aprecio. Transmiso os cumprimentos que envias. — Espero que a tua próxima carta me dê assunto para conversarmos longamente sobre o cinema e ficarás convencido então de que «Bel-Tenebroso» não tem por ti qualquer má vontade, antes pelo contrário. — Aqui deixo assinalados os cumprimentos que envias a Dinhamá.

REY. SEM TRONO. — Tenho conhecido muitos com as mesmas presunções que tu alimentas!... Não acredito que saibas quem eu sou!... Se eu próprio, às vezes, não sei onde me encontro... — Maria Domingas é certamente um amor de rapariga, com muito talento. Mas não sou da tua opinião. Ela não estaria bem no papel da espiã Internacional de *Pôrto de Abrijo*. Pela mesma razão, afinal, que tu não aceitarias bem a Katherine Hepburn no papel de balarina, ou a Marlene Dietrich na figura duma freira... — Este leitor desejaria cartear-se com Nison. Querêr a nossa simpática correspondente do Pôrto, aceder ao seu pedido?

ZÉ FERNANDES. — Viva, Zé Fernandes! Desta vez, não tens que te queixar! Cá estás na plateia brilhante dos correspondentes deste teu amigo. Vejo que tens feito progressos em dactilografia. O teu cartão de visita: «Zé Fernandes — cinefílico de aquém e além mar», vale um mundo. A propósito: já te inscreveste no clube do Animatógrafo?! — Os teus apontamentos são serenos e penetrantes de mais para serem dum «Zé Fernandes». A argúcia é uma palavra feminina... — Este simpático leitor deseja corresponder-se com Benjamina, que lhe parece ser uma rapariga muito desempoeirada.

ZULEIKO. — Aveiro é uma cidade onde conto muitos correspondentes. Por tal sinal que gostava que descrebisses af o paradeiro da Rainha Faridas, que ainda não apareceu, pelo menos com esse nome. — A tua carta é extremamente simpática. Transmiso a António Lopes Ribeiro o que nela me dizes. Quando os leitores são como tu, damos por bem empregados todos os sacrifícios e todos os esforços. — Escreve a Jean Arthur para Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, Califórnia. Parabéns, pela foto que a Gloria Jean te enviou, com tão cativante dedicatória.

DONALDA. — Com que então, quando viste *Mulheres*, sentiste as unhas crescer. «Vermelho da selvas, não? Aquele egênolozinho do pato teu homónimo e unhas «Vermelho da selvas». Deves ter o poder dum tank de 70 toneladas... — Se eu ainda sou todo Lamour?! Mas que pergunta?! Só no vosso caso é que o «la donna é mobile» tem aplicação. Nós mesmo quando somos «mobiles» não esquecemos as «donnas» precedentes... Quando deixas de ser todo Lamour continuarás a ser todo Lamour. Um L. a mais ou um L. a menos, que importância tem?!... — A Irene Dunne é, de facto, uma grande artista. O Boyer, quando cá esteve, disse que era a sua parceira favorita. O que me não custa a crer, porque o Homem é um animal de hábitos...

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

DOMINGOS ARAUJO GONCALVES. — As tuas palavras são amigas e sinceras, merecem a nossa gratidão. — Não me trates por «Ex.^m Sr. Bels!» Faz-me impressão. Tu cá, tu lá, é a nossa fórmula favorita. Espero novas cartas tuas, com o maior interesse e simpatia.

LUIZ XV. — Hello, boy?! — Escreve à Tereza Casal, para a Continental Filmes, Ltd., Praça do Marquês de Pombal, Lisboa, e expõe-lhe o desejo que tens de possuir a foto em questão. Estou certo de que ela acede ao teu pedido, porque não há artista mais simpática e mais gentil com os seus admiradores. — Nós não desviávamos cartas, Luiz XV amigo! De modo que tenho a certeza de que Maria da Graça, a estas horas, recebeu a tua carta e está feliz por ter um monarca, como tu, a seus pés... Também gosto muito dessas (e doutras...) raparigas novas a que te referes: a Ann Rutherford e a Virginia Grey. — Aqui ficam as tuas saudações para *Deram-he uma espingarda* Maria Cotovia, Antinea, Quinhas, Sonhadora, Columba sem pierrat e Melita Sarreira Cabral. — *Aleijana dos olhos verdes* continua presente entre nós, sob um pseudónimo diferente e rigorosamente secreto.

ETERNO GAROTO. — Podes obter os números do *Cine* que te faltam, pedindo-os para a Casa Bertrand & Irmãos, na Trav. da Condessa do Rio, 27. Eles mandam-nos à cobrança. — Seria muito difícil explicar-te, dentro do espaço que esta secção, permite o truque utilizado nos filmes *O Par Invisível*, *O Homem Invisível* e *O Par Invisível Diurte-se*, para obtenção dos efeitos variados que constituíram a razão de ser dessas produções. Pode ser que, em breve, *Animatógrafo* aborde nas suas páginas esse tema. — Errol Flynn aparecerá este ano em *Robin dos Bosques*.

EXILADO DO MONDEGO. — Folgo por *Animatógrafo* te continuar a deixar absolutamente satisfeito. Mal da revista e do restaurante, que não colha tão lisongeira impressão dos clientes. — Laurence Olivier, de facto, só se revelou completamente no *Monte dos Vendavais*. Antes disso, tínhamo-lo visto num filme, com Merle Oberon também, que já nos fazia adivinhar o intérprete famoso em que se tornou Em Rebecca vamos vê-lo, igualmente, num grande papel. — Ainda não tive conhecimento de que as leitoras que V. nomeou, tivessem accedido a corresponder-se consigo.

FARANECAS LTD. — Achas então estupendas a ideia que o Director teve de fazer páginas suplementares, com a correspondência. A mim, também me entusiasma. Todos os dias lhe digo: «Quero mais espaço vital. Há o direito, porventura, eu que tendo tantos milhares de leitores, me dêem para viver, menos espaço, no

Animatógrafo, do que aquele de que disfrutamos outros menos favorecidos em atenções do que eu?!... Se ainda não fiz valer os meus direitos com mais força, é porque estou a ver que se arrojou umas «mãos suplementares» para poder multiplicar as minhas reservas de respostas... Quando tal suceder, não queiras saber o que acontecerá... Invado «eles» e Elias pela certa... — A Jeannette Macdonald e o Gene Raymond continuam a lua de mel, muito acararada. Não tens receio, de que se separem. O Gene é o esposo da vida real. O Nelson Eddy é o esposo cinematográfico. — Com que então estiveste, no Casino do Estoril, lado a lado, com o Georges Rigaud. Não há muitas que se possam gabar desse facto.

MICKEY ROONETE. — Ainda bem que o *Animatógrafo* cada vez te interessa mais. Se continuas a angariar compradores no ritmo que anuncias, a rotativa, estafada, pede-te misericórdia!... Corinne Luchaire está em França. Mas onde? «Alguns», pela certa. Tens que aguardar melhor oportunidade para lhe escrever. — O Tufão, com a Dorothy, está anunciada para esta temporada. — Transmiso a Maria Cotovia, Uma Loira Madrense e Miss Século XX as tuas saudações amigas.

SENHOR X. — Fez muito bem em escrever-me! — O que penso do cinema nacional? Mas que demónio de perguntas? Tu és meu amigo?! Então deixa-me estar calado, sim?!... — Transmiso a Benjamina e Mab-Ilia os teus melhores cumprimentos.

RAS JOANA. — Fazes muito bem em adaptar o tratamento mais cómodo: tu cá, tu lá!... Não penses no «Hamlet», com a Deanna Durbin e o Gary Cooper! Que ideia. Daqui a pouco, és capaz de me falar no *Romeu e Julieta*, tendo como protagonistas o Oscar de Lemos e a Maria Domingas...

SHIRLEY AVIADORA. — Viva, Shirley! Que prazer tornar a ler-te! — Fico esperando mais cartas tuas, desta vez com matéria sobre a qual possamos conversar. — Transmiso a Bob as tuas saudações amigas.

PRINCESA DA MEIA NOITE. — Tenho o orgulho de dizer que todas as leitoras de *Cine-Jornal* acorreram ao meu apelo e que são hoje leitoras fiéis do *Animatógrafo*. Claro, tu, Princesa amiga, não poderias faltar. — Escreve ao Richard Greene para 20 th Century-Fox Studios Hollywood, Califórnia. — Transmiso a Princesa da Meia Noite os teus cumprimentos.

PRINCESA DA SELVA. — Que revoadas de Princesas me trouxe o correio, hoje nesta mala! — Com que então ficaram mais de 20 cartas tuas, por responder. Tem paciência. Amor, mas não desanimas! — Estou de acórdito contigo: casaremos os dois, qual-

quer dia e depois ajudas-me na correspondência. — Eu não cheguei a chorar com o *Monte dos Vendavais*. Mas, na realidade, gostei muito do filme. — Diz-me agora uma coisa: porque me escreves com duas letras totalmente diferentes? Quando assinarmos o contrato de casamento, optámos pela segunda, combinado!

SERIP. — Cá ficas inscrito na lista dos meus correspondentes. — Sei que se anunciam para breve vários filmes de Maureen O'Hara mas, por ora, não há datas indicadas. A seu tempo, te informarei. — Norma Shearer tem, em *Mulheres*, um dos melhores desempenhos da sua carreira. — Transmiso a todos os leitores e em especial, a Nison, os teus cumprimentos e saudações.

GALA PERDIDO. — Norma Shearer, Joan Crawford e Judy Garland: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Deanna Durbin: Universal Studios, Universal City, Califórnia. — Temo, af em Evora, fiéis leitores e bons amigos! — As minhas consultas são grátis. No dia que resolver levar dinheiro, abrirei um consultório no Chiado com a tabuleta: «Bel-Tenebroso, Médico das almas». E tu verás o que vai ser ganhar dinheiro!...

BOM SENSO. — Achel graça à tua afirmação: «*Animatógrafo* foi luz nas trevas. Mas o animatógrafo é, de facto, luz nas trevas... — Os filmes nacionais devem evolucionar (estou convencido) no sentido que desejas. A tua crítica, simples e desapaixonada, acredita o teu pseudónimo: *Bom Senso*! Eis um ingrediente que, por vezes, falta nas produções realizadas entre nós. — Espero nova carta, e nova crítica.

EDMUNDO C. TORRES. — A sua carta não me dá matéria suficiente, para me pronunciar. Aguardo mais pormenores.

BEL O PIRATA. — Folgo por que *Animatógrafo* te continue a agradar e te vá mitigando essa fome de revista de cinemas, que acumulaste durante tantos meses... — Escreve às artistas brasileiras ao cuidado da revista «Cinearte», Trv. do Ouvidor, n.º 34, Rio de Janeiro. — A tua direcção é tão secreta como os planos de ataque ou de defesa dum exército em guerra. — Aqui deixo as tuas saudações a todos os leitores de *Animatógrafo* e, nomeadamente, a *Uma Garota sem Importância*.

BENJAMINA. — A sua introdução não tem razão de ser, pois V. sabe perfeitamente que eu só posso interpretar «por bema», tudo aquilo que V. escreve. Afaste, pois, negros relos... — Fiquel deslumbrado pelo elogio que faz à «Confarias»: «No inquérito de *Mulheres* os homens deuses puseram com mais elevações. — Já sei que recebeu o recado de *Um Rapaz sem Pseudónimo*. Isto me dispensa de lhe dizer que está bom e que se recomenda. — Curiosa a sua afirmação sobre *Nimotchka*, que não resisto à tentação de transcrever: «Entre a Princesa russa, que mais parecia princesa de cabaré, e a bolchevista, havia realmente diferença: esta tinha mais linha do que aquelas. O som do filme, Benjamina, era, de facto, uma maravilha. Não se enganou, não senhor. E o que me diz ao «Curso de Férias»? Tê-lo-á visto e apreciado com atenção?! Quero, cret que seja ainda uma aluna aplicada.

CINEFILO DEDICADO. — Transmiso a António Lopes Ribeiro as tuas felicitações pelo êxito absoluto de *Animatógrafo*. — Dentro em breve virá na galeria da nossa revista, a «vera-efigies» dos teus ídolos.

Se vai ao cinema há 10 anos ou mais, inscreva-se no «Clube do Animatógrafo»

A inscrição é GRATUITA. Basta escrever um postal para a Rua do Alecrim, 65, Lisboa, indicando o NOME, a PROFISSÃO, a MORADA e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, dez anos, desde 1930

Bel-Tenebroso

V E M A Í

CARMEN MIRANDA!



VAI APRESENTÁ-LA
num espectáculo fremente
de alegria e de ritmos:
"SINFONIA
DOS TRÓPICOS"

Carmen Miranda, a vedeta luso-brasileira de categoria internacional, a primeira artista que conquistou a América do Norte cantando em português, depois de ter sido o ídolo da América do Sul, vai aparecer em Lisboa, pela primeira vez, graças ao Cinema.

Há muito que o público de Portugal ansiava por ver a criadora admirável do "Tabuleiro da Bahiana", de «O que é que a Bahiana tem», e de tantas outras mûdinhas e sambas do Brasil, popularizados pelo disco e pela rádio.

Pois a Fox-Filmes vai satisfazer esse legítimo desejo, apresentando dentro de poucas semanas Carmen Miranda, enquadrada num filme que é um grande e aparatoso espectáculo de ritmo e de alegria. Don Ameche e Betty Grable e Charlotte Greenwood—três nomes celebrizados pelos filmes musicais—completam a primeira fila do elenco de «Down Argentine Way», que foi realizado por Irving Cummings. Inteiramente fotografado a cores, «Sinfonia dos Trópicos» vai encher os sentidos dos cinéfilos portugueses, revelando-lhes a verdadeira Carmen Miranda.



ANTÓNIO FEIJÃO

FALA DOS FATOS DÊLES...



CLARK
GABLE,
WEISS
MULLER,
BILL
POWELL,
MELVYN
DOUGLAS

curtos intervalos dos seus muitos afazeres, porque um fato bem feito tem sempre muito mais importância para quem o veste do que se julga. É como a encadernação dum livro — quando é boa constitui o primeiro passo para o interesse que um bibliófilo possa vir a ter pelo livro. E, também é como as legendas duma fita — quando são originais dispõem bem para ver o que se vai passar. Todos os «astros» vestem bem. Mas cada um tem a sua especialidade. Melwyn Douglas, por exemplo, é sempre um artista que veste maravilhosamente uma casaca: a linha, as camisas, os laços, os punhos, tudo nele é cuidado, cheio de distinção como convém. E, para trajo de soirée, quem mais ensinamentos pode dar. William Powell — aliás sempre distintíssimo — é o tipo perfeito de quem sabe vestir como ninguém, um jaquetão. Quem quiser ver um paleot bem vestido deve olhar

Muita gente tem afirmado, com certa razão, que se pode aprender cinema vendo cinema. E outros acrescentam que, além de cinema, muitas outras coisas se aprendem, visto que desde as decorações às soluções dadas a cada caso da vida corrente, as fitas ensinam constantemente.

Todos os elegantes sabem que, no capítulo vestir, os «astros» dão grandes lições, porque desde há muito tempo, se reconheceu no cinema, a importância que tem a maneira como, perante o público, os actores se apresentam. E, observando os actores, os elegantes aprendem...

Mas tal como para a perfeita compreensão da técnica cinematográfica é necessário que o público leia os artigos da crítica, que adquira noções que lhe permitam avaliar e distinguir o bom e o mau trabalho, também, do mesmo modo, os elegantes que quiserem tirar todo o partido do que se pode aprender em matéria de vestir precisam dum bom conselho sobre o assunto. Ora é mais claro do que água que o melhor conselho que um homem tem sobre a maneira de vestir é o seu alfaiate, desde que seja bom, o que, apesar de haver muitos alfaiates é mais raro do que parece.

«Animatógrafo», no intuito de iniciar nesta matéria os seus leitores, resolveu procurar um bom, um autêntico mestre da arte de vestir e ouvir algumas das suas opiniões sobre os «astros» de cinema e a maneira como vestem. E foi assim que procurou o grande alfaiate António Feijão.

«O assunto é deveras, curioso e importante, diz-nos Feijão num dos



com olhos de ver, para o Clark Gable. Um fato desportivo assenta como a ninguém a um grande desportista — por exemplo, a Weissmuller.

Evidentemente muitos outros casos se podiam apontar e qualquer destes actores sabe vestir todos os fatos. O certo, porém, é que cada um tem a sua especialidade e com especialistas se deve aprender. Mas, o conselho particular devido a cada um, só o alfaiate o pode dar. Para isso cá estou às ordens.

TUFÃO

é um filme PARAMOUNT
100% DOROTHY LAMOUR!

POR entre as cristas brancas das ondas, aquecido pelo sol dos Mares do Sul, o corpo dourado duma jovem cortava as águas com grandes e energicas braçadas.

— Koko! — gritou. — Dá-me o meu vestido!

De trás das rochas surgiu a figura de um chimpanzé trazendo um «sarong» de cores vivas que lhe entregou como se fosse um criado bem educado.

O mar estava calmo. Ela, porém, sabia quanto ele era traçoeiro. Dez anos antes fôra atirada para ali pelas vagas enfurecidas, no meio de uma tempestade devastadora. Lembrava-se de tudo, como se fôra ontem...

A meditação de Dea foi interrompida pelos grunhidos de Koko, que apontava com frenesi para o mar. Ela seguiu-lhe o olhar — primeiro espantada — depois, assustada. E viu um vulto estranho que se aproximava sobre as ondas.

— É uma baleia! — gritou.

Dea e o seu peludo companheiro correram para a selva e subiram à árvore mais alta, olhando espantados para aquela embarcação. Era um submarino que ancorou em águas profundas. Viram dois barcos largar, com muitos homens, para a praia.

Depois de dez anos de luta para sobreviver naquele mundo estranho, Dea via interrompida a sua solidão, e mal sabia então a aventura emocionante que a esperava nessa ilha de sonho do Pacífico — que havia de ser fustigada pelo mais terrível tufão de todos os tempos e servia de cenário polinésico ao amor de Dea (Dorothy Lamour), filha das selvas, e Johnny (Robert Preston), o audaz marinheiro.



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Após três longos anos de separação...
Joan Crawford e Clark Gable
reaparecem juntos no mais emocionante
dos seus filmes: **OS FUGITIVOS DA GUIANA**
acompanhados por um elenco sensacional:
Jan Hunter, Peter Korra, Paul Lukas etc. etc.
— Outro grande êxito da Metro-Goldwyn-Mayer